



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Licenciatura em Sociologia**

**Trabalho de Fim de Curso**

**Título:**

Juventudes e Ensino Superior: Um estudo sobre a construção de percepções juvenis ligadas à Universidade

**Quirson Zefanias Ernesto**

**Supervisor:** Dr. João Carlos Colaço

Maputo, Agosto de 2013

# **Juventudes e Ensino Superior: Um estudo sobre a construção de percepções juvenis ligadas à Universidade**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia pela UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE, sob orientação do Dr. João Carlos Colaço.

**Departamento de Sociologia**  
**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**  
**Universidade Eduardo Mondlane**

**Autor:** Quirson Zefanias Ernesto

**Supervisor:** Dr. João Carlos Colaço

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

---

Maputo, Agosto de 2013

## Índice

Declaração .....	5
Dedicatória.....	6
Agradecimentos .....	7
Resumo .....	8
Abstract.....	9
Siglas .....	10
Lista de Tabelas.....	11
Introdução.....	12
CAPITULO I .....	15
1.Delimitação do Tema.....	15
CAPITULO II.....	16
2.1.Revisão bibliográfica .....	16
2.1.1 O Problema .....	20
2.2.Hipóteses.....	22
2.2.1 Variáveis .....	22
2.3. Justificação.....	22
2.4.Objectivos .....	24
CAPITULO III.....	24
3.1.Enquadramento teórico e conceptual .....	24
3.2.Conceitos.....	27
3.3.Modelo de análise .....	30
Variáveis intermédias.....	30
CAPITULO IV.....	31
4.1.Metodologia .....	31
Método de Procedimento .....	32
Técnicas de Colecta de Dados .....	32
População e amostra .....	33
Colecta de dados .....	34
Constrangimentos e dificuldades de campo.....	35
CAPITULO V.....	36
5.1.Apresentação e análise de resultados .....	36

5.2. Identificação dos entrevistados .....	38
5.3. Origens sociais e redes de amizades .....	44
5.3.1 Grupos de amizades .....	48
5.4. Discursos e percepções sobre o Ensino Superior em Moçambique .....	51
5.5. Condições sociais e o significado do Ensino Superior .....	62
Referências Bibliográficas .....	69
Anexos .....	72

## Declaração

Declaro que o presente Trabalho de Fim de Curso nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau académico, e que este constitui o resultado da minha investigação pessoal, e orientação do supervisor, estando indicadas no texto e na bibliografia as referências utilizadas.

Por:

(Quirson Zefanias Ernesto)

---

Maputo, Agosto de 2013

## **Dedicatória**

O trabalho é dedicado aos meus pais Ernesto Uaciquete e Adelaide Sebastião, sem esquecer dos irmãos e minha sobrinha querida Málíka. A todos o meu muito obrigado pela força, paciência e inspiração.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar gostava de agradecer ao meu supervisor, Dr. João Colaço, que com sua paciência e exigência tornou este trabalho uma realidade. Durante o período de aulas e do trabalho, em particular, pude perceber a pessoa simples e profissional que é, por isso, na minha humilde opinião gostava que continuasse a ser o docente que até aqui mostrou ser.

Não podia escrever este trecho sem referenciar o grande sentimento de gratidão que tenho para com todos os meus colegas de turma que directa ou indirectamente participaram para que chegasse a esta fase, em especial aos meus companheiros de grupo “a turma do fundão” que foram muito mais que colegas mas sim tornaram-se amigos para toda a vida, nomeadamente, os senhores Eduardo Manguze, Jorge Paiva e André Chiziane que estiveram presentes e participativos a partir da definição do tema do trabalho até aos resultados finais.

Fora do ambiente da universidade houve também companheiros que muito me ajudaram na caminhada académica, apesar de ser impossível referenciar todos, torna-se imprescindível destacar nomes tais como do senhor Mauro Zacarias, Custódio Rungo e Vicente Mahoche. Por isso, a estes meus irmãos valeu pela força e companheirismo. Em fim, reconheço que fui muito sintético neste trecho, mas isso não significa nenhum esquecimento ou ingratidão lembro-me de todos vocês e estarão sempre nas minhas memórias.

## Resumo

Esta pesquisa procura analisar, no geral a forma como os jovens constroem as visões e expectativas relacionadas a passagem pelo ensino superior, em particular procuramos verificar a influência desempenhada pela posição social nas percepções juvenis sobre a universidade. Deste modo, ela centra-se numa abordagem comparativa entre jovens de condições sociais diferentes, daí a selecção de jovens estudantes da Escola Secundária da Machava-Sede, uma escola pública, e da Escola Secundária das Acácias, uma escola privada. Recorremos a quadros teóricos e conceptuais que procuram, em primeiro lugar, problematizar o conceito de juventude exprimindo a sua diversidade, a partir daí verificamos que as atitudes relacionados aos jovens teriam as suas explicações na realidade quotidiana, onde destaca-se a posição social e os grupos de amizade dos mesmos. Os resultados de campo foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas, numa amostra de 20 elementos, onde foi possível verificar que o capital económico e escolar das famílias de proveniência dos jovens tendiam a determinar, de grande forma o conjunto de visões que os mesmos tinham acerca da sua passagem pela universidade.

**Palavras chaves:** Juventude, condições sociais, grupos de referência, significado do ensino superior.

## **Abstract**

This research seeks to examine in general how young people construct their visions and expectations related to passage through higher education, in particular seek to verify the influence exercised by social position in youth perceptions about the university. Thus, it focuses on a comparative approach between youth of different social conditions, hence the selection of young students from the School of Machava-Sede, a public school, and the School of Acacias, a private school. We use theoretical and conceptual frameworks that seek, first, discuss the concept of youth expressing their diversity; from there we found that attitudes related to youngsters have their explanations in everyday reality, where we highlight the social position and groups of friends thereof. Field results were collected through semi-structured interviews, a sample of 20 elements, where it was possible to see that the economic capital and school families of origin youth tended to determine, in great shape set of visions that they had about its passage by the university.

Keywords: Youth, social conditions, reference groups, meaning higher education.

## **Siglas**

**UEM:** Universidade Eduardo Mondlane

**UP:** Universidade Pedagógica

**ISRI:** Instituto Superior de Relações Internacionais

**ISCTEM:** Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique

## **Lista de Tabelas**

**Tabela 1:** dados da distribuição da amostra.

**Tabela 2:** dados referentes a distribuição da amostra em termos do sexo.

**Tabela 2.1:** distribuição em termos do sexo na escola pública

**Tabela 2.2:** distribuição em sexo na escola privada

**Tabela 3:** distribuição etária da amostra

**Tabela 3.1:** distribuição etária na escola pública

**Tabela 3.2:** distribuição etária na escola privada

**Tabela 4.1:** Morada de estudantes da escola pública

**Tabela 4.2:** Morada de estudantes da escola privada

**Tabelas 5 e 6:** dados referentes ao contexto familiar

## Introdução

O trabalho que aqui se apresenta é intitulado: “ *Juventudes e Ensino Superior: Um estudo sobre a construção de percepções juvenis ligadas à Universidade*”. Nele propomo-nos a trazer uma análise com vista a relacionar o conceito de juventude ao Ensino Superior, explorando as percepções que jovens de condições sociais diferentes possam ter em relação a este objecto. Esta opção de tema resultou e baseou-se numa revisão bibliográfica sobre o assunto que mostra que o conceito juventude é bastante plural e estaria basicamente representado através de visões, percepções que os indivíduos compartilham dependendo de variáveis da estrutura social envolvente, e, neste caso, procuramos testar ou verificar o papel desempenhado pelas condições sociais de privilégio ou disprivilegio.

Há que referir também que contribuiu para o levantamento deste problema de pesquisa o facto de estarmos a assistir, actualmente, à uma grande expansão de instituições de Ensino superior numa tentativa de albergar estudantes de quase todo país, o que leva a uma massificação<sup>1</sup> do ensino em Moçambique. Portanto, seria, até certo ponto, pertinente verificar a forma como os jovens percebem o ensino superior neste contexto, sem se esquecer a forma como o próprio conceito juventude é operacionalizado ou concebido sociologicamente, afastando-se duma visão apenas etária para uma comportamental.

O levantamento deste estudo e o seu desenvolvimento terá o subsídio da perspectiva teórica trazida por José Machado Pais. Neste ponto, o conceito juventude e os aspectos a ele inerentes são explicados usando duas correntes: *a geracional e classista*. Estas correntes estão preocupadas em explicar a reprodução social dos jovens, mas partem de pressupostos diferentes. Na primeira, o interesse é de olhar para o comportamento dos jovens num contexto de relação com outras gerações, em especial as mais velhas. Na segunda corrente, olha-se para o

---

<sup>1</sup>Massificação, é entendido como um processo resultante da produção de bens sociais em grande escala permitindo o seu acesso a todas classes. No contexto do ensino em Moçambique, Castiano (2005) defende que a massificação do ensino é fruto das transformações vividas nas políticas educacionais após a independência, onde privilegia-se necessidade de estender a escolarização para todos os moçambicanos, isto é crianças, adultos (operários e camponeses), com o surgimento de campanhas específicas para mulheres, jovens e para velhos.

comportamento juvenil como sendo resultante de um contexto de relações entre classes. Estas perspectivas, apesar de saírem de pontos diferentes, apresentam-se como complementares na explicação de questões juvenis.

Para operacionalizar o nosso problema de pesquisa, trabalhamos com um grupo alvo que responde as exigências do tema e das perspectivas teóricas. Neste caso, propomo-nos em trabalhar com jovens provenientes de condições de classes diferentes para verificar até que ponto a sua situação classista interfere na percepção sobre o ensino superior. Portanto, optamos por uma análise comparativa entre estudantes de uma escola privada e com um nível de exigência financeira maior e outra escola pública que oferece menos exigências. E assim, o nosso problema de pesquisa foi levantado através da questão que procura saber: *como é que jovens estudantes das escolas Secundárias da Machava-sede e das Acácias percebem a sua passagem pela universidade?*

Com base no problema e no grupo-alvo escolhido, o trabalho foi realizado através do *método comparativo*, com vista a fazer comparações com fim de verificar semelhanças, explicar divergências e chegar a certas conclusões através de uma *abordagem indutiva*. Apesar de reconhecermos que um estudo a este nível poderia necessitar de outro tipo de técnicas, recorreremos apenas à técnica de *entrevistas*, isto devido ao tempo limitado que dispomos e limitações financeiras.

O trabalho encontra-se dividido em 5 capítulos que, para além desta introdução, estará estruturado da seguinte maneira: no capítulo I, apresentaremos nosso tema devidamente delimitado, no capítulo II, apresentaremos o nosso problema de pesquisa, que começa por uma revisão bibliográfica, onde apresentamos as discussões de alguns autores sobre a juventude e algumas formas de relação que ela estabelece com a universidade. Ainda nesta secção, informaremos acerca da hipótese de estudo e terminaremos com apresentação dos objectivos do trabalho. O capítulo III está reservado à exposição e explicação sobre o quadro teórico e os principais conceitos que auxiliaram a presente análise. Em seguida, no capítulo IV, apresentaremos os procedimentos metodológicos em uso, ou seja, o método de abordagem, de procedimento, a população, a amostra e o método de selecção da amostra (método de

amostragem), explicaremos também o processo de colecta de dados no campo e os principais constrangimentos encontrados. Por fim, no capítulo V, apresentaremos e discutiremos os dados recolhidos no campo de pesquisa. A leitura dos dados é feita com base no quadro teórico e subsídio das obras da revisão bibliográfica. O trabalho termina com a apresentação das considerações finais que se baseiam na leitura dos resultados, e, a partir daí, traremos uma resposta ao problema de pesquisa, aceitando ou refutando as hipóteses.

# CAPITULO I

## 1. Delimitação do Tema

Antes, a noção de juventude não se limita apenas a uma visão em termos de idade. Ela pode ser reflectida nas crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados indivíduos dão sinais de compartilhar num determinado lugar e numa determinada fase da vida influenciados por situações sociais que os envolvem. Assim, olhamos para estas maneiras de ser, pensar e estar na sociedade como sendo heterogéneas, ou seja, poderíamos dizer que existem várias “juventudes”, onde o comportamento destes sujeitos estaria estreitamente ligado a própria realidade social em que eles são provenientes, que vai desde, a idade, localização geográfica e as condições económicas de suas famílias e, isto engloba desde a classe e os seus grupos de pertença.

Neste sentido, o nosso principal objectivo é associar os pressupostos teóricos do conceito sociológico de juventude a um objecto, a universidade. Esta aparece, em Moçambique, como uma instituição que mais tem observado uma expansão considerável nos últimos tempos, integrando cada vez maior número de utentes. Portanto, nos propomos, neste trabalho, a fazer uma análise das percepções que os jovens possam ter em relação ao Ensino Superior, dado que estes são os principais alvos desta fase de estudos.

Tal como mostramos anteriormente, a forma como os jovens olham e agem sobre o mundo não é uniforme e geral, mas sim plural e contextual. Os jovens apesar de ter em comum o facto de pertencerem a uma fase da vida, podem se diferenciar na maneira como constroem a sua visão do mundo e, esta é influenciada por vários aspectos, desde económicos, sociais, culturais e políticos. Entretanto, as nossas atenções estarão viradas às condições económicas, ou seja, a posição social, procurando verificar se esta teria algum impacto na forma como os jovens em Moçambique percebem o ensino superior.

Para a realização deste trabalho, recorreremos a um estudo comparativo entre estudantes da Escola Secundária da Machava-Sede e Escola Secundária das Acácias, pois as mesmas são de sistemas

financeiros diferentes. A primeira é pública e a segunda é privada. Por outro lado, localizam-se uma no centro e outra na periferia, este pode não ser um aspecto central, mas também tem o seu peso na identificação condições económicas diferentes. Trabalharemos com estudantes finalistas, ou seja da 12ª classe, pois estes estão mais próximos de ingressar para o Ensino Superior e, esperamos que tenham já construído uma ideia sólida sobre esta fase dos estudos. Interessa realçar ainda que o grupo-alvo exige-se que seja do regime laboral, dado que e neste nível onde encontramos uma maioria de jovens, com idades compreendidas dos 17 a 21 anos de idade. O estudo foi desenvolvido durante os últimos meses de 2012.

## **CAPITULO II**

### **2.1.Revisão bibliográfica**

Nesta secção, faremos, em primeiro lugar, uma revisão de trabalhos feitos sobre o assunto proposto ou, de alguma forma, relacionados ao mesmo e, terminaremos com o levantamento do problema que procuramos desenvolver. Antes de avançar, há que lamentar o facto de, no nosso contexto, escassearem estudos relativos as crianças e jovens. Os poucos existentes, maioritariamente, são desenvolvidos por organizações humanitárias, onde geralmente reproduzem uma abordagem adultocêntrica<sup>2</sup> olhando para estes grupos através da sua incapacidade e vulnerabilidade, ou seja, concebe-se as crianças e jovens em alteridade a outras camadas sociais. Por outro lado, existem alguns pesquisadores que começam a dar espaço a estudos referentes a este assunto, principalmente em Trabalhos de Fim de Curso. Portanto, a nossa revisão teve um subsídio, na sua maioria, de trabalhos estrangeiros onde encontramos

---

<sup>2</sup>De acordo com Márcia Gobbi, “o termo *adultocêntrico* aproxima-se aqui de outro termo bastante utilizado na Antropologia: o etnocentrismo: uma visão de mundo segundo a qual o grupo ao qual pertencemos é tomado como centro de tudo e os outros são olhados segundo nossos valores, criando-se um modelo que serve de parâmetro para qualquer comparação. Nesse caso o modelo é o adulto e tudo passa a ser visto e sentido segundo a ótica do adulto, ele é o centro” (apud, Simão, 2007:16)

vários autores que se debruçam acerca da noção sociológica de juventude, uns fazendo relação com o ensino e outros que não chegam a estabelecer tal analogia.

O primeiro trabalho a apresentar trata estreitamente de análises de comportamento de jovens e, para tal, o autor estabelece uma ligação entre o comportamento individual do jovem e o grupo que ele integra. Este contributo é da autoria de Reguillo Cruz numa obra de Jacques Dolors (1998) que também teve colaboração de outros autores brasileiros e ficou intitulada “*Educação: Um Tesouro a Descobrir*”. Nesta, o autor estabelece três dimensões que nos podem ajudar a compreender a forma como os jovens constroem o seu mundo social. Primeiro, fala do *espaço dado* e do *território* como espaço construído.

O *espaço dado* indica uma vertente física onde a vida se desenrola, que pode ser por exemplo a própria cidade. Por outro lado, o *território* é concebido como uma realidade construída pelos próprios jovens. Num segundo momento fala da *alteridade* que é a necessidade que o jovem tem do outro para a construção do grupo, isto é, as culturas juvenis (visão do mundo dos jovens) não seriam individuais, mas sim de grupos compostos por vários indivíduos em relação entre si. Por fim, refere-se a necessidade de se *identificar para se manter*, ou seja, olha para o comportamento do jovem como sendo geralmente uma tentativa de manutenção nos grupos de referência. Isto significa que para se manter no grupo, o jovem é obrigado a comportar-se ou seguir as normas estabelecidas pelo grupo. Para este autor, estas marcas relacionam-se com o processo de representações que permitem que os membros do grupo se distinguem no tempo e no espaço.

O contributo destes autores traduz-se numa visão e análise do comportamento juvenil numa vertente estreitamente de grupo, onde, as visões do mundo são construídas em conjunto, respeitando uma consciência juvenil colectiva marcada por condições sociais a eles externos. Neste sentido, isto mostra que a relação que se estabelece entre os jovens e o mundo tem as suas explicações na realidade social e de grupo.

Para subsidiar este posicionamento, recorreremos também aos escritos do autor António Hualde intitulados “*A Psicologia do Jovem*” de 1988. Na sua abordagem sobre a relação entre o grupo e o comportamento juvenil, o autor defende que o jovem filia-se a um grupo para se aperfeiçoar e apurar tendências sociais e os grupos são imprescindíveis para o desenvolvimento normal dos mesmos. O grupo no qual ele está filiado é que lhe oferece os olhos pelos quais observa o

mundo, e, por fim há que destacar que as culturas dos jovens não se criam espontaneamente, mas estas encontram-se vinculadas as culturas dominantes da sociedade e a sua união enquanto grupo respeita as situações socioculturais e económicas. Ou seja, o subsídio que se traz refere, em primeiro lugar, que as atitudes de jovens são frutos da sua integração em certos grupos sociais, mas estes grupos não se formam espontaneamente. Eles seguem lógicas pré-determinadas pelas divisões sociais.

A análise é aqui feita em três níveis<sup>3</sup>: primeiro, o autor defende que as conjunturas socioculturais e económicas na sociedade criam condições para formação de grupos juvenis e, por sua vez, estes são imprescindíveis e determinam em grande forma a reprodução social ou visão do mundo dos jovens.

Ainda em estudos brasileiros podemos encontrar uma análise dos jovens e Ensino Superior feita por Marialice Forachi (1977), que ficou intitulada “*O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*”. Neste caso, a autora ocupa-se mais pela escolha das carreiras por parte dos estudantes, onde defende que os interesses de classe estão geralmente acima dos interesses individuais dos estudantes, isso significa que as expectativas de uma carreira dos jovens são determinadas pelos factores sociais externos, os quais orientam o seu comportamento.

De acordo com Forachi (1977), os grupos sociais que o jovem pertence, com mais ênfase na família, e as pessoas com as quais ele partilha valores assumem papel de grupos referência e servem como agência que anuncia as expectativas de classe. Neste contexto, a educação, em especial o Ensino Superior, é tida como um espaço ou entidade capaz de proporcionar uma qualificação dos indivíduos para posições sociais superiores, ou seja, desempenha papel crucial na mobilidade social.

Um outro trabalho que foca a questão de comportamento é trazido por Robert Brym et al (2006) neste estudo, os autores mostram que um agente bastante importante da socialização dos jovens seria os grupos de colegas. Estes seriam indivíduos que não são necessariamente amigos, mas têm mais ou menos a mesma idade e um *status* semelhante. Portanto, estes grupos desempenham

---

<sup>3</sup> Esta análise pode ser representada com a seguinte estrutura: conjunturas e distinções socioculturais e económicas- integração em grupos de pertença- comportamento

forte influência na construção de identidades. Segundo o autor, os grupos de colegas representam com frequência um dos principais agentes de socialização na juventude.

Um outro estudo de extrema importância consultado foi desenvolvido no Brasil pela autora Moacir Antônio Coldebella e intitula-se “*Mudança de atitudes do aluno em relação a Universidade: efeitos do primeiro semestre curricular*”. Tal como o título mostra, a principal preocupação do estudo era analisar as expectativas de certos jovens em relação a universidade. Assim, segundo Coldebella (1985), estas expectativas estariam ligadas a realização das aspirações profissionais e de ascensão social do sujeito, tornando-se, desta forma, o mecanismo institucional capaz de conferir os símbolos e instrumentos que dão reconhecimento colectivo da habilidade para exercer actividades especializadas. E, assim, citando Weber, refere-se a educação institucional como um instrumento de mobilidade social, numa espécie de “varinha mágica que permitiria a todos melhorar ou desenvolver sua situação social e, por conseguinte, seu nível de vida” (apud, Coldebella, 1985: 108).

Para desenvolver a sua pesquisa sobre expectativas em relação a universidade, a autora começa por encarar esta como um valor social, onde defende que o valor “seria algo pessoal ou socialmente preferível a uma forma oposta ou inversa de conduta ou estado definitivo de existência” (idem: 119). Neste caso, a universidade teria um valor em si como uma instituição socialmente responsável pela criação, conservação e divulgação da cultura e ao mesmo tempo suscitando nas pessoas valores possivelmente ligados a necessidade que cada individuo tem de reconhecimento social, capacitação profissional, etc. E ainda colocou as seguintes questões básicas que guiaram toda sua pesquisa:

“Até que ponto a universidade é vista pelo vestibulando como um veículo para aquisição de conhecimentos indispensáveis a uma pessoa culta?

Até que ponto a universidade é vista como o único meio de ascensão social?

Até que ponto a universidade possibilita a obtenção de conhecimentos necessários para a formação profissional?” (idem, p: 204)

A revisão aqui apresentada é marcada, primeiro, por uma escassez de estudos locais sobre a infância e juventude. Isto não acontece apenas em relação ao ensino, mas também em muitos outros assuntos que lhes dizem respeito. Portanto, esteve subsidiada por trabalhos estrangeiros e

com base nestas obras a revisão caracterizou-se por dois momentos distintos. Primeiro, os estudos mostram que o comportamento de jovens não é individual. Ele apresenta-se, na generalidade, como atitudes de grupo, ou seja, um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas de cada jovem influenciado pelos grupos a que pertence, mas realça-se que a formação e integração em grupos não são aleatórias, seguem condições socioeconómicas gerais. Num segundo momento, já estabelecendo uma relação entre a juventude e o ensino, os autores reforçam a ideia anterior, onde defendem, por exemplo, que as escolhas de carreiras são determinadas por interesses de classe, ou seja, o comportamento dos jovens face ao ensino teria explicações sociais olhando principalmente aos grupos que este integra, principalmente a família e amigos que aparecem como grandes agentes de socialização.

### **2.1.1 O Problema**

A formulação da presente análise é fruto duma revisão de autores que colocam a questão juvenil como um campo rico de investigação para as diferentes Ciências Sociais, em especial a Sociologia, isto porque as atitudes dos jovens aparecem geralmente influenciadas por conjunturas exteriores às suas consciências, permitindo assim uma distinção dos mesmos no tempo e no espaço.

Machado Pais (1993) defende que a modernidade seria marcada por um conjunto de problemas e transformações socioeconómicas que colocam os jovens como um dos potenciais alvos. Esta conjuntura exige uma análise da influência destas transformações socioeconómicas nas atitudes, comportamentos e valores que jovens partilham em seus contextos quotidianos.

Ainda nesta linha de ideias, verifica-se que as metamorfoses socioeconómicas podem desempenhar um papel de unificadores e divisores de grupos sociais. A nível macro fala-se, por exemplo, das distinções entre primeiro, segundo e terceiro mundo e a nível interno de cada sociedade surge também um conjunto de distinções entre indivíduos marcados por esta realidade. É neste contexto que achamos pertinente usar a variável de condições sociais para encontrar duas categorias de jovens, nomeadamente dos mais e menos favorecidos e, a partir daí, a questão

passa por identificar a influência que esta poderia exercer no significado que os jovens atribuem ao ensino superior.

O Ensino Superior surge também, no contexto moçambicano, como resultado das transformações socioeconómicas, ou seja, esta conjuntura a par da democratização do ensino é tida como vital para explicar o surgimento de um leque de instituições do tipo privado e alargamento das que já existiam a cargo do governo. A este processo podemos até chamar de uma massificação da educação do nível superior.

Num contexto em que se verifica em Moçambique esta massificação do Ensino Superior, com o surgimento e expansão de várias instituições deste sector, a nossa preocupação é de analisar a forma como os estudantes do nível médio percebem a universidade sabendo que eles provêm de condições sociais diferentes. Tal como mostramos, o contexto social donde cada jovem provém, teria grande papel nos significados que ele atribui aos objectos que o rodeiam. Partimos também do pressuposto de que a percepção que os jovens têm da universidade seria, na maioria de vezes, a base para as suas escolhas académicas, desde a carreira e a respectiva instituição por ingressar.

As abordagens sociológicas aliadas a visões classistas encaram a posição social como um elemento que condiciona as diferenciações entre jovens num mesmo contexto temporal e espacial.

O argumento levantado mostra que o ensino superior, tal como qualquer instituição social, têm uma forma própria de se relacionar com as diferentes juventudes, ou seja, seria basicamente um instrumento de transição para a vida adulta. Porém, interessa-nos, neste momento, questionar sobre a influência que as condições sociais desempenham, primeiro na representação social que os jovens fazem do ensino superior, e depois no leque de escolhas que os jovens fazem nesta instituição.

Face a isto, o nosso principal objectivo é analisar a forma como se percebe o Ensino Superior por parte de estudantes finalistas, tendo em conta as suas origens sociais ou familiares. E, partimos da seguinte pergunta: *como é que jovens estudantes das escolas Secundárias da Machava-sede e das Acácias percebem a sua passagem pela Universidade?*

## 2.2. Hipóteses

Para uma resposta prévia da nossa pergunta de partida, nos propomos a lançar as seguintes hipóteses:

**H1:** Numa forma geral, o Ensino Superior é por todos visto como um meio importante que, através dos ensinamentos académicos, poderá permitir uma mobilidade na estrutura social e melhor transição para a vida adulta.

**H2:** As condições sociais influenciam directamente na percepção sobre o ensino superior. Por um lado, os indivíduos de origens sociais baixas tendem a olhar para a universidade como um mecanismo de ascensão social, pois seria capaz de proporcionar uma qualificação dos indivíduos para posições sociais superiores. Por outro lado, para indivíduos pertencentes a uma classe relativamente alta o Ensino Superior poderia ser percebido como um mecanismo de manutenção na estrutura social e identificação com um certo grupo de referência, isto é, teria um valor simbólico.

### 2.2.1 Variáveis

A resposta prévia para o problema de pesquisa apresentada anteriormente é operacionalizada através duma correlação entre as variáveis nela patentes, onde uma tende a exercer alguma influência de dependência sobre a outra. Neste sentido, como *variável independente* temos as condições sociais e como *variável dependente* o significado que os jovens atribuem ao Ensino Superior.

## 2.3. Justificação

Em primeira estância, podemos dizer que mesmo reconhecendo a importância que este trabalho pode ter no campo dos estudos da juventude, a sua escolha resulta principalmente do facto de termos constatado a quase inexistência de estudos científicos sobre as concepções dos jovens sobre vários assuntos que lhes dizem respeito. A noção de juventude, como categoria analítica,

tem a vantagem de ser facilmente associada a vários aspectos da realidade social, mas neste caso optamos por associá-la ao Ensino Superior, pois esta fase dos estudos afigura-se como vital para a transição dos jovens para a vida adulta. É na universidade que o jovem pode adquirir os primeiros passos para um apetrecho profissional e melhor enquadramento no mercado do emprego e na sociedade em geral. Vimos também que, devido a uma política de expansionismo e democratização do ensino no geral e Superior em particular, verifica-se nos últimos tempos uma expansão de várias instituições de Ensino Superior, desde públicas até privadas, ou seja, assiste-se a uma tentativa de albergar indivíduos de diferentes condições sociais num sistema de Ensino Superior. A isto podemos chamar uma massificação do Ensino Superior.

Do ponto de vista sociológico, o trabalho pode permitir-nos uma compreensão sobre a forma como os jovens percebem a sua entrada ao Ensino Superior, e, este seria um factor determinante para explicar o leque de escolhas que os jovens fazem antes e durante a sua integração na instituição. Além de ser um agente de socialização, o Ensino Superior é também um campo onde os jovens constroem as suas identidades e preparam-se para o mundo dos adultos, entretanto, este processo é a priori influenciado por questões a ele externos relacionados a ambientes sociais de proveniência dos jovens, e, neste caso a posição social.

Este tipo de abordagens se mostra bastante importante num momento em que existem poucos estudos sobre os jovens e outros aspectos que lhes dizem respeito. Por outro lado, a par da expansão de Instituições de Ensino Superior pelo país, portanto um estudo a este nível afigura-se como pertinente, pois pode apresentar as bases para explicar o comportamento de jovens como resposta a esta conjuntura, ou seja, numa situação de massificação do Ensino Superior seria preponderante trazer uma abordagem sociológica que mostra a maneira como os jovens (como camada social e alvo deste ensino) percebem este sector.

Como mostramos, a nossa pesquisa foi desenvolvida com base num estudo comparativo entre estudantes de uma escola pública e privada, apesar de reconhecer que o facto de a escola ser pública ou privada, no geral, poderá não representar necessariamente uma pertença a uma certa classe. Partimos da ideia de que as escolas por nós escolhidas poderão contemplar alguns indicadores das condições sociais dos estudantes que lá frequentam. Portanto, não se pode perder

de vista a ideia do trabalho que é, acima de tudo, analisar a forma como o jovem percebe a universidade tendo em conta a sua pertença de classe e não apenas a escola que frequenta, e assim, o tipo de escola foi encarada como um dos vários meios para se chegar a sua classe, isto sem querer universalizar os casos.

## **2.4.Objectivos**

Tendo-se lançado o problema que guiou a pesquisa, bem como as variáveis em debate no estudo, temos como *objectivo principal* o seguinte: Compreender como é percebida a passagem pelo Ensino Superior entre estudantes finalistas da Escola Secundária das Acácias e Escola Secundária da Machava-sede. Entretanto, para chegar a esta meta nos concentramos na análise de aspectos de compreensão mais acessível. Eles aparecem em forma de *objectivos específicos* e são os seguintes: a) analisar o perfil social dos estudantes; b) identificar as motivações dos jovens para a escolha do curso e da respectiva Instituição do Ensino Superior e c) identificar a influência dos grupos de pertença nas escolhas académicas dos jovens em estudo.

## **CAPITULO III**

### **3.1.Enquadramento teórico e conceptual**

O desenvolvimento de um estudo a este nível, com um grupo alvo específico onde nos interessa a forma como certos jovens dão sentido a realidade que os envolve exige que tenhamos como base uma abordagem teórica que esteve virada primeiramente a problematização do conceito juventude. De acordo com Machado Pais (1993), a juventude pode ser vista em termos de *unidade*, que se traduz numa fase da vida, por outro lado, ela é encarada em termos de *diversidade* onde ela depende de certos particularismos e construções sociais.

Duma forma geral, a noção de juventude é explicada através de abordagens que se podem agrupar em duas correntes: a *geracional* e *classista*. Estas abordagens analisam o conceito de juventude e as culturas a ele inerentes usando pressupostos bastante diferentes, mas para chegarem ao mesmo resultado. Neste caso, a pertinência de cada uma depende do assunto que procuramos tratar, mas no geral seriam teorias que se complementam na explicação do comportamento dos jovens. Neste caso, nos basearemos na complementaridade ou cruzamento das duas teorias para explicar as visões e valores dos jovens em análise.

A *corrente geracional* apreende o aspecto unitário do conceito juventude, na medida em que ela é tomada como uma fase da vida. Para esta corrente, o ponto central na análise do conceito da juventude seria olhar para os jovens como uma geração social. O comportamento juvenil é, nesta abordagem, explicado num contexto de relações com outras gerações. De acordo com Machado Pais (1993),

“a corrente geracional defende que os indivíduos experimentarão o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como membros de uma geração, isto é, as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse facto, circunstâncias semelhantes e que tem de enfrentar-se com problemas similares” (p: 40).

Estando num contexto de relação entre gerações, os padrões comportamentais são vistos em termos de continuidade e descontinuidades de gerações. No primeiro caso, verifica-se uma interiorização por parte das gerações jovens de normas, crenças, valores e símbolos das gerações adultas. O segundo caso é marcado por uma interiorização conflituosa entre as gerações. Enfim, o comportamento de jovens, tomado como uma cultura inerente a esta fase de vida, seria construído fruto das relações dos jovens, formando uma geração, com outras gerações onde se destacam as mais velhas.

Neste caso, podemos olhar para as percepções sobre o ensino superior que a juventude, como geração, constrói como sendo resultante de um processo de interiorização de uma cultura da geração adulta, ou seja, esta corrente poderá ajudar-nos a olhar para estes aspectos tendo em conta os valores de outras gerações. Assim, a forma como os jovens percebem o Ensino Superior encontra-se resultante dum processo de continuidade e descontinuidade entre gerações. Portanto, dependendo de cada contexto, esta interiorização seria feita de maneira pacífica ou mesmo

conflituosa e isto estaria na base da existência de culturas juvenis que aceitam ou negligenciam a universidade como um valor.

Não obstante a estas contribuições, notamos que uma análise a este nível não pode ser feita apenas nos moldes da corrente anteriormente apresentada, pois ela é bastante criticada por olhar a noção da juventude como sendo unitária, negligenciando a diferenças e pluralismos que acompanham o conceito. Por isso, para completar a análise, há que recorrer também a *corrente classista*. Esta abordagem vem numa linha diferente da corrente geracional, mas procura chegar ao mesmo resultado que é explicar a reprodução social da juventude.

Para a corrente classista, o conceito juventude e os valores a ela inerentes não podem ser vistos como unitários, mas sim plurais que se encontram patentes num quadro de diferenças de classe. Neste sentido, os jovens não são vistos como uma geração em interacção com outras, mas sim como grupos que se encontram integrados num contexto de conflito de classes e são marcados por desigualdades de classe que se encontram representadas nas suas condições sociais. Portanto, podemos afirmar que as crenças, normas, valores e símbolos que os jovens constroem são resultantes da sua pertença a uma determinada classe, o que mostra que os seus padrões culturais são frutos dum contexto de relações de classe. Para Pais, “as distinções simbólicas entre jovens (diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc.) são sempre vistas como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intraclassistas” (idem: 49).

A colocação do autor acima, demonstra que as diferenças em termos de comportamento e símbolos dos jovens são vistas e implicam diferenças entre classes e em poucas circunstâncias representam distinções entre indivíduos pertencentes a mesma classe. Isto significa que, numa forma geral, esta corrente defende que a condição social, entre jovens pertencentes a uma mesma classe social, implica uma homogeneidade da cultura ou de modos de vida entre esses mesmos jovens e a heterogeneidade de comportamento é determinada pela pertença às posições sociais diferentes.

Neste caso, esta abordagem entra em cena ao centrarmos a atenção nas diferenças existentes entre os estudantes da escola pública e privada, ou seja, o nosso grupo alvo é composto por jovens que vivem em condições sociais diferentes e isto pode implicar uma pertença a classes diferentes. E, neste ponto, a teoria traz-nos uma ideia da pluralidade que existe em termos de culturas juvenis

de jovens pertencentes a classes diferentes e isto teria algum impacto importante na forma como jovens de diferentes condições sociais percebem o ensino superior.

Ainda na análise do comportamento juvenil face a instituição escolar Boudon (1973) recorre à uma visão das atitudes numa vertente estratégica, dos jovens como actores sociais, assim as motivações teriam a sua explicação em função da origem social e principalmente o rendimento escolar das respectivas famílias.

De acordo com este autor, o adolescente teria aspirações de mobilidade social tendo em conta a posição social de seus pais. Esta mobilidade pode ser de promoção ou não promoção. No primeiro caso, ela encontra-se na medida em que o aluno pretende superar a posição social em que se encontra, isto é, quando o adolescente pretende estar mais bem instruído que seus pais. Por outro lado, considera-se mobilidade de não promoção quando o aluno não tem pretensão de superar o grau de instrução de seus pais, conformando-se com sua situação social.

### **3.2. Conceitos**

Nesta secção apresentamos os principais conceitos que nos podem ser úteis para apreender o fenómeno que nos propomos a estudar. Como muito bem sabemos, em Sociologia qualquer pesquisa que se quer credível precisa antes de tudo basear-se num conjunto de quadros conceptuais. Para olhar para o significado que se atribui a Universidade por parte de jovens de diferentes condições sociais levantamos os seguintes conceitos: *juventude, cultura juvenil, condições sociais e meio social de pertença*.

O conceito de *juventude* é bastante discutido em sociologia, onde existem vários autores que se debruçam sobre o mesmo. As contribuições sociológicas sobre o conceito tem como base a crítica à visão do senso comum e dos discursos oficiais sobre a juventude, onde ela é apreendida apenas usando a variável idade, designando de jovens todos indivíduos numa certa fase da vida.

Neste contexto, concentramo-nos na sintetização feita por Machado Pais (1993). Este autor, apela-nos a lançar um olhar mais profundo, ultrapassando a vertente *unitária* da juventude e

entrando para a vertente da *diversidade*, ou seja, apesar de termos em mente que a juventude reflecte uma fase de transição para a vida adulta temos que reconhecer que esta passagem é feita de diversas formas dependendo de cada contexto. Sendo assim, o ser jovem estaria em grande parte enraizado num conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados indivíduos dão sinais de partilhar num determinado lugar e numa determinada fase da vida influenciados por situações sociais que os envolve. Neste sentido, a juventude teria uma vertente estreitamente comportamental e de grupo, exprimindo assim uma diversidade ou heterogeneidade entre os indivíduos. Esta visão heterogénea leva a constatação de que não existe apenas uma juventude, mas sim várias juventudes que se diferem em termos de práticas e atitudes sociais.

Os aspectos trazidos por este autor afiguram-se como pertinentes para a pesquisa que nos propomos a desenvolver, pois conseguem transmitir-nos a ideia de juventude em termos de comportamento e representação social o que leva a crer que podem existir em mesmas sociedades diferentes tipos de jovem que constroem noções diferentes sobre os objectos que os rodeiam.

*Cultura Juvenil*: o mesmo autor define cultura juvenil como um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar. Nesta análise em particular, seria “o sistema de valores socialmente atribuídos a juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (idem). Neste caso, a definição parece-nos pertinente pois, está directamente relacionada com o objectivo da nossa pesquisa que é analisar a forma como alguns jovens definem e partilham as suas percepções sobre o Ensino Superior.

*Condição Social*: segundo Dicionário de Sociologia (2002), está incluso no conceito de condição de existência, o qual nos remete para um conjunto de características sociais que se relacionam à categoria social de pertença, à posição social do indivíduo na comunidade e a classe social.

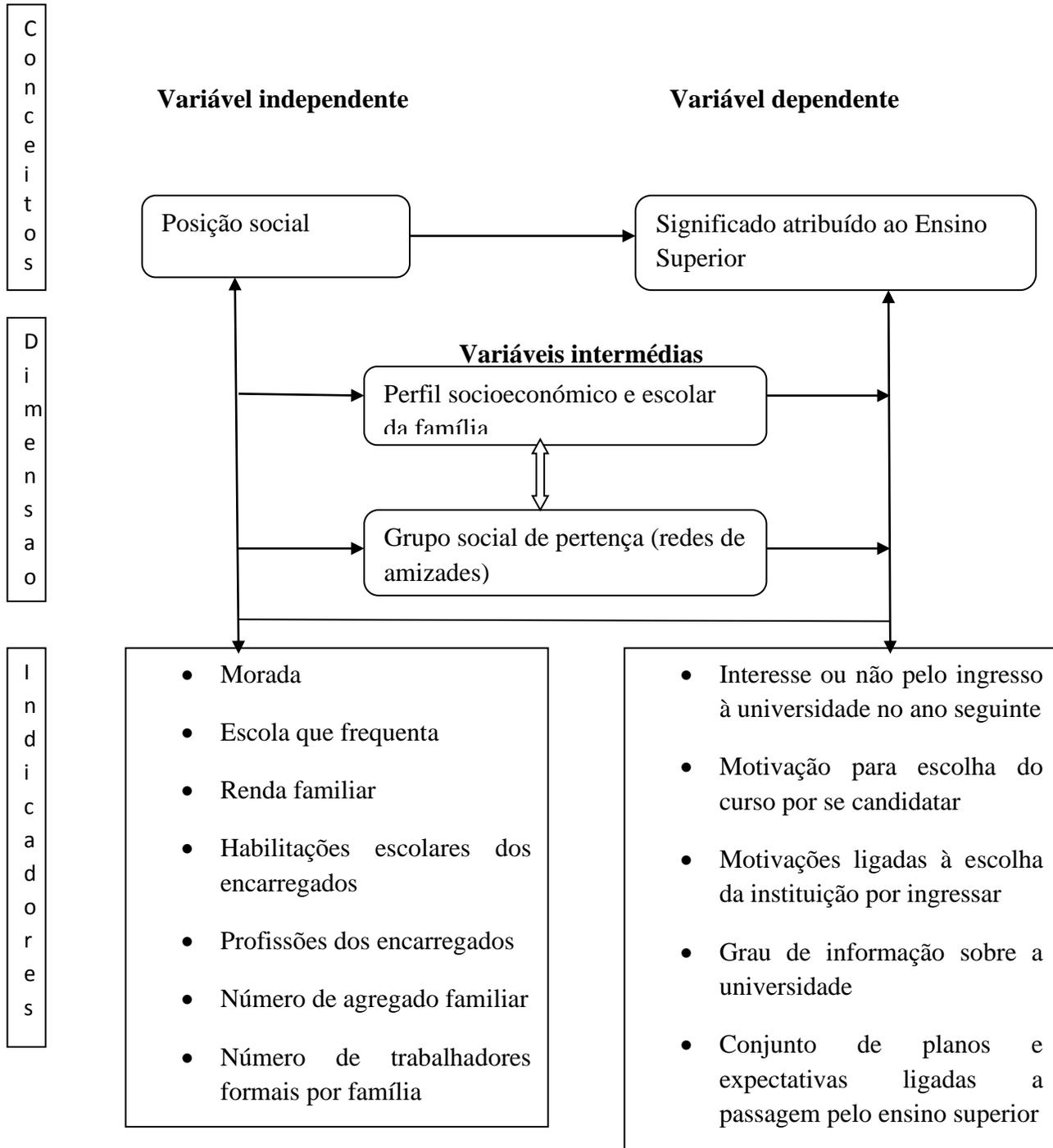
*Meio social de pertença*: este conceito designa o conjunto de indivíduos com os quais o jovem convive diariamente, são os mesmos que exercem sobre ele influências de maneira contínua. Este vai para além do grupo primário, que geralmente, é composto por elementos da família, sendo ela nuclear ou alargada. Neste caso, ao falarmos deste meio social de pertença nos

referimos ao conjunto de indivíduos que, directa ou indirectamente, podem exercer alguma influência na maneira de pensar dos jovens e nas escolhas que eles podem fazer. Isto significa que para além das pessoas que fazem parte da sua família encontramos os vizinhos, amigos, etc.

Para os sociólogos Boudon e Bourricard (2004), no meio social de pertença de qualquer indivíduo encontramos os seus *grupos de pertença* que são os condicionadores das suas atitudes, comportamentos e valores, que desta forma assumem um papel de grupos de referência ou mesmo *grupo-modelo*. Turner (1999) fala ainda deste grupo como actores que oferecem o conjunto de perspectivas pelas quais o individuo dá sentido ao mundo.

### 3.3. Modelo de análise

Esta secção está reservada a uma operacionalização do nosso tema. Neste exercício, procuramos de forma estruturada e coerente verificar como a hipótese se articula com os conceitos escolhidos. Mostramos também em que nível o conceito pode ser olhado e os respectivos indicadores que servirão de guia para o trabalho de campo.



## **CAPITULO IV**

### **4.1. Metodologia**

O sucesso ou insucesso numa pesquisa em qualquer área das ciências sociais é de grande forma influenciado pela forma como o objecto é abordado e testado, ou seja, a legitimidade dos resultados depende geralmente dos dispositivos teóricos e metodológicos usados. Isto significa que a realização dos trabalhos de pesquisa exige o uso rigoroso de procedimentos metodológicos eficazes. O uso da metodologia ganha a sua pertinência quando a pesquisa entra na vertente mais prática, ou seja, na investigação efectuada num dado campo da pesquisa. Neste processo é constituído pelos métodos de abordagem, de procedimentos e técnicas de colecta de dados.

Para a realização do trabalho baseamo-nos, numa primeira estância, no *método bibliográfico* que nos possibilitou a leitura de livros nos quais estavam patentes diferentes abordagens e contribuições sobre o tema em análise, bem como outros assuntos a ele relacionados. Muitas destas ideias serviram de base para definição do tema e problema em análise e ofereceram também fundamentação teórica e conceptual que ajuda a explicar muitas das questões por nós levantadas.

### **Método de Abordagem**

A presente análise foi guiada pelo *método indutivo*, que consiste em inferir uma verdade geral ou universal partindo de dados particulares suficientemente constatados. Assim, o teor da pesquisa tem em vista uma generalização do fenómeno tendo em conta os dados individualmente identificados. Um aspecto a salientar é que ela se fundamenta em premissas. Deste modo, se as premissas forem verdadeiras, provavelmente, verdadeira será a conclusão (MARCONI & LAKATOS, 2007).

## **Método de Procedimento**

Os resultados obtidos resultaram numa análise através de procedimentos comparativos. A principal prerrogativa deste método está na possibilidade de fazer comparações com fim de verificar semelhanças explicar as divergências. É usado tanto para comparar grupos no presente, no passado ou entre os existentes e do passado, mesmo em sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (idem). Neste sentido, mostrou-se bastante conveniente dado que a investigação encontra-se num quadro de análise de realidade de dois grupos a priori diferentes em relação a um mesmo objecto.

## **Técnicas de Colecta de Dados**

Segundo Oliveira (1997), a escolha do método e técnica utilizada depende do objectivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipe e elementos no campo da investigação. Neste caso particular, a pesquisa propõe-se em analisar as percepções de jovens estudantes numa escola privada e pública sobre o Ensino Superior em Moçambique, portanto, tratar-se-á numa pesquisa *qualitativa*.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela é própria nas ciências sociais, dado que se preocupa com um nível de realidade que não pode ser representado em termos quantificáveis, ou seja, ela mostra-se indicada para trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Portanto, a nossa pesquisa apresenta-se com um interesse claro num assunto que poderia ser apreendido apenas qualitativamente, as percepções. Neste contexto optamos ainda pela *técnica de entrevista*.

Para este caso, teremos em questão a *técnica de entrevista*, seleccionando alguns jovens estudantes da Escola Secundária da Machava-Sede e Escola Secundária das Acácias. Através das respostas que serão recolhidas e do nosso subsídio teórico esperamos ser possível, em dadas circunstâncias, analisar as percepções que eles têm face ao Ensino superior. Analisando deste modo os sentimentos e condutas sobre uma dada realidade.

As entrevistas podem ser estruturadas ou fechadas, semi-estruturadas e não estruturadas. Para a pesquisa usaremos as entrevistas *semi-estruturadas*, ou seja, iremos nos basear num roteiro de perguntas direccionadas aos estudantes, mas esta técnica nos permite também captar outros elementos na pesquisa que não constam do questionário, pois há uma abertura para que os entrevistados respondam as perguntas numa forma aberta exprimindo deste modo, os seus sentimentos, motivações e experiências.

## **População e amostra**

Em termos conceituais a *população* ou universo refere-se a um conjunto de indivíduos que possuem características comuns das quais se procura através duma análise estatística chegar a uma determinada conclusão. Geralmente, a população-alvo é constituída por um grande número de indivíduos o que dificulta a sua análise, por isso opta-se por delimitar um número menor e manejável que se chama *amostra*. Este supõe-se que seja representativo das características da população que se quer estudar, ou seja, define-se como qualquer subconjunto do conjunto universal ou da população.

Neste estudo em particular, a problemática levantada dirige-nos a olhar como população-alvo todos jovens e estudantes do nível médio em Moçambique, dos quais podemos encontrar uma certa diferenciação em termos de condições socioeconómicas, ou seja, jovens que se encontram em contextos económicos diferentes, alguns mais e outros menos privilegiados.

A nossa amostra será seleccionada num conjunto de estudantes que frequentam a 12<sup>a</sup> classe na Escola Secundária da Machava-Sede (escola pública) e Escola Secundária das Acácias (escola privada). Considerando que esta delimitação poderia constituir também um universo pelo seu número, optamos por criar grupos focais de 10 estudantes de cada escola formando assim uma amostra geral de 20 pessoas. Por reconhecer a importância desempenhada pelos professores neste processo esperamos também entrevistar 3 de cada escola como forma de ter informações sobre o quotidiano em sala de aula e alguns depoimentos que poderão ser feitos pelos seus estudantes em relação à Universidade.

O processo de selecção de uma amostra requer procedimentos claros, como mostramos, a amostra deve ter a capacidade de representar as características da população. Este processo metodológico é chamado de amostragem. Segundo Pocinho, “amostragem é o procedimento pelo qual um grupo de pessoas ou um subconjunto de uma população é escolhido com vista a obter informações relacionadas com um fenómeno, e de tal forma que a população inteira nos interessa esteja representada” (2009: 11).

Para proceder com a pesquisa, usaremos uma amostragem não-probabilística, concretamente o método de amostragem por *redes* ou *bola de neve*<sup>4</sup>. Este método tem em vista estudar fenómenos relacionados com redes sociais de amizade e conhecimento, consiste em escolher sujeitos que seriam difíceis de encontrar de forma aleatória. Neste processo, o investigador encontra alguns indivíduos que satisfazem as suas necessidades e pede-lhes que indiquem outras pessoas, por eles conhecidas, com características similares.

## **Colecta de dados**

Tal como mostramos anteriormente, as informações da pesquisa foram recolhidas mediante o uso de entrevistas semi-estruturadas, ou seja com base num questionário pré-estabelecido pelo investigador, mas abrindo sempre espaço para que o entrevistado expresse os seus sentimentos sobre o assunto em estudo e outros a ele relacionados.

Os locais das entrevistas ficaram todos a critério dos nossos entrevistados como forma de deixá-los o mais confortável possível. E neste caso, tivemos como campo de pesquisa as respectivas escolas. Temos que salientar que a pesquisa seguiu algumas exigências formais, onde tivemos que apresentar os nossos questionários e explicarmos os nossos principais objectivos junto as direcções das Escolas, isto acompanhado pelas respectivas credenciais que provavam a nossa

---

<sup>4</sup> Também conhecida como “snowball”, isto em inglês, é uma designação metodológica usada em analogia aos movimentos de formação das bolas de neves.

proveniência. No geral, conseguimos preencher o número de entrevistas programadas apesar de termos levado mais tempo que o programado.

As colectas de dados eram antecedidas por uma explicação clara aos entrevistados dos pontos principais de interesse, apesar de abrir espaço para informações extras do quotidiano dos jovens. Para ter algum subsídio face a análise, houve uma necessidade de alargar as entrevistas para os professores, onde pelo menos um dos entrevistados tinha que ser membro da direcção como forma de adquirir informações sobre o funcionamento e administração da própria escola.

## **Constrangimentos e dificuldades de campo**

Ao optarmos em trabalhar em torno das percepções de jovens estudantes sobre a universidade esperava-se, a princípio, algumas facilidades na recolha de resultados, dado que este é um assunto que faz parte do quotidiano dos jovens e sendo estudantes finalistas do ensino médio esperávamos que tivessem já uma ideia construída em torno do assunto. Entretanto, o que poderia parecer uma vantagem ou facilitador do trabalho, mostrou-se em alguns momentos um constrangimento.

As dificuldades na recolha de dados surgiram em dois momentos distintos: em primeiro lugar, houve grandes constrangimentos no acesso aos estudantes para efectuar as respectivas entrevistas. A Escola Secundária das Acácias destacou-se mais neste sentido, ou seja, teve maiores exigências para efectuarmos as entrevistas, onde tínhamos não só que apresentar as credencias, mas tivemos que formalizar o pedido através duma carta direccionada a directora da escola, onde tinha que estar incluída uma amostra do tema, objectivos e guião de entrevistas do trabalho. A direcção da escola pública foi menos exigente limitando-se apenas em exigir a credencial.

Um outro aspecto que dificultou o trabalho de campo deveu-se ao tempo em que foi desenvolvido, ou seja, iniciamos as entrevistas de campo no dia 15 de Outubro de 2012 fomos até o dia 5 de Dezembro de 2012. Tal como pode-se calcular esse era um período de preparação

e realização de exames finais e por isso os estudantes mostravam pouca disponibilidade para as entrevistas.

Tal como adiantamos, o trabalho de campo tinha em vista colher informações que nos permitissem distinguir os jovens em termos de condições sociais e a partir daí colher as suas percepções sobre a universidade. Neste ponto, os jovens se mostravam, em algum momento, desconfortáveis para tratar alguns assuntos ligados com seu contexto familiar, e quando se tratasse do Ensino Superior, muitos dos entrevistados tendiam em inverter o sentido da entrevista tentando trocar os papéis de entrevistado para entrevistador, ou seja, procuravam aproveitar a situação para investigar e questionar sobre assuntos do seu interesse ligados a universidade.

Por fim, temos a salientar que o facto de o pesquisador ter sido muitas das vezes percebido como um jovem poderia ter sido uma vantagem devido a facilidade de comunicação, mas também houve momentos que se tornou num inconveniente pois os entrevistados aparentaram não dar a devida seriedade as entrevistas, tendiam a encarar este processo como uma simples troca de conversas e experiências.

## **CAPITULO V**

### **5.1. Apresentação e análise de resultados**

Esta parte do trabalho está reservada a apresentação e interpretação de dados, durante este processo iremos mostrar os resultados sobre as nossas entrevistas tendo em conta as questões básicas por nós apresentadas aos entrevistados como forma de trazer resultados empíricos e coerentes que sustentam toda análise.

Os dados recolhidos seguiram algumas linhas de orientação, ou seja, têm a ver em primeiro lugar, com problema de pesquisa levantado. Portanto o questionário e as suas respostas tinham em vista, acima de tudo, colher informações que levassem a conhecer o significado que os estudantes das Escolas Secundárias da Machava e das Acácias dão ao Ensino Superior. De salientar que o nosso quadro teórico e revisão da literatura nos levaram desde logo a uma

problematização do conceito juventude olhando para alguns aspectos determinantes na construção de visões do mundo por parte desta categoria, ou seja, os dados informam também sobre o tipo de família a que os nossos entrevistados provêm e seus grupos de referência ou de amizades.

O alargamento da análise para o contexto familiar e de redes de amizades levou-nos a formular como hipótese que havia uma relação notável entre as condições sociais do jovem e a percepção que tem sobre o ensino superior, ou seja, a sua condição actual determinaria em grande forma o que ele procura na universidade. Entretanto, só através de uma leitura objectiva dos dados que aqui serão apresentados poderemos aceitar ou refutar esta resposta prévia. A última linha de orientação do trabalho de pesquisa foi dos objectivos gerais e específicos.

As entrevistas foram realizadas na Escola Secundária da Machava-Sede, uma escola pública que lecciona da 8ª à 12ª classes situada no distrito de Infulene no Município da Matola e na Escola Secundária da Acácias, escola privada que também lecciona da 8ª à 12ª classes situada no centro da cidade de Maputo. Estivemos no campo durante os meses de Outubro e Novembro tendo entrevistado 20 estudantes finalistas, sendo 10 em cada escola. Procuramos também, na medida do possível, colher opiniões dos professores, onde entrevistamos 3 professores da escola privada e 2 da escola pública. Representado os dados em forma de tabela ficam da seguinte forma:

**Tabela 1**

Dados referentes a amostra

<b>Escolas</b>	<b>Alunos</b>	<b>Professores</b>
Secundária da Machava-Sede	10	2
Secundaria das Acácias	10	3
<b>Total</b>	25	

De acordo com o nosso problema de pesquisa, quadro teórico e objectivos dividimos o questionário e os seus resultados em 4 partes a saber: (I) *identificação dos entrevistados*; (II) *origens sociais e redes de amizades*; (III) *discursos e percepções sobre o Ensino Superior*; (IV) *relação entre as condições sociais e significado da Universidade*. Tratando-se de uma estudo meramente comparativo, cada secção da apresentação estará dividida em duas partes trazendo dados dos entrevistados de cada escola.

## 5.2. Identificação dos entrevistados

Neste primeiro subcapítulo traremos dados básicos que identificam os nossos entrevistados, isto é, procuramos transmitir uma ideia clara sobre a dispersão dos alunos entrevistados em termos de sexo, idade e morada. O primeiro ponto a trazer tem a ver com o *sexo* dos nossos entrevistados, esta categoria não faz parte das variáveis em análise no trabalho, ou seja, apesar da sua importância, não foi encarado como um aspecto vital para explicar as atitudes de jovens em relação ao Ensino Superior, por isso, não houve necessidade de entrevistar mesmo número de homens e mulheres. Porém, no geral, dos 20 estudantes entrevistados 6 eram do sexo feminino correspondentes a 30% e os restantes 14 do sexo masculino, estes correspondem a 70% da amostra.

**Tabela 2.**

Dados referentes ao sexo

<b>Sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Homens	14	70%
Mulheres	6	30%
<b>Total</b>	20	100%

Dividindo os dados das duas escolas em análise os resultados ficam da seguinte forma:

### ***Escola pública***

Num total de 10 estudantes entrevistados, 8 correspondentes a 80% eram do sexo masculino e apenas 2 ou 20% eram do sexo feminino. Dados ilustrados na tabela abaixo.

**Tabela 2.1**

<b>Sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Homens	8	80 %
Mulheres	2	20%
<b>Total</b>	10	100%

Os dados acima representados levam-nos a realçar um aspecto importante nesta fase, que remonta ao método de amostragem por *redes*, ou seja, este método fez com que os mesmos estudantes tivessem autonomia na criação dos grupos de entrevistados, usamos as suas redes de amizades na escola para encontrar um número significativo de entrevistados que se adequavam a exigências da pesquisa o que resultou em números bastantes diferentes em termos do sexo, ou seja, os homens tinham mais tendência em chamar colegas do mesmo sexo para as entrevistas, isto mostra que se relacionavam mais com estes no seu dia-a-dia.

### ***Escola privada***

Num total de 10 alunos, 60% ou 6 deles eram do sexo masculino e os restantes 40% ou 4 alunos pertenciam ao sexo feminino.

**Tabela 2.2**

<b>Sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Homens	6	60%
Mulheres	4	40%
<b>Total</b>	10	100%

Os resultados recolhidos na escola privada mostram uma realidade relativamente diferente da escola pública, entretanto, ainda continua patente uma maioria de entrevistados do sexo masculino, facto que foi previamente explicado num parágrafo anterior. Há que salientar ainda que, os dados sobre esta variável não carecem de grandes discussões, pois acreditamos que esta variável poderá não ter muita influência decisiva no problema em análise.

O segundo ponto na identificação refere-se a *distribuição etária* dos entrevistados. Neste caso, constatou-se que as idades patentes na amostra variavam de 17 a 20 anos. Verificou-se que a maioria dos estudantes tinha 17 anos de idade, porém os estudantes tinham em média 18 anos e a idade mediana era de 17,5 o que significa que 50% dos estudantes tinham idade igual ou superior a 17,5 e a outra metade tinha idade igual ou inferior a 17,5.

**Tabela 3.**

Distribuição etária da amostra

<b>Idade</b>	17	18	19	20
<b>Nr<sup>5</sup></b>	10	4	1	5
<b>(%)</b>	50%	20%	5%	25%

***Escola pública***

A nível da escola pública, o entrevistado mais novo tinha 17 anos de idade e o mais velho tinha 20, o que significa que as idades variavam de 17 a 20 anos. Os alunos tinham na maioria 17 anos, e a média de idades encontrada foi de 18, a idade mediana era de 17 o que significa que 50% dos estudantes tinham idade igual ou superior a 17 e a outra metade tinha idade igual ou inferior a 17,5.

**Tabela 3.1**

<b>Idade</b>	17	18	20
<b>Nr</b>	5	2	3
<b>(%)</b>	50%	20%	30%

***Escola privada***

Por outro lado, na escola privada encontramos também uma variação de idades de 17 a 20 anos, verificou-se também uma maioria de estudantes com 17 anos e uma média de 18. Quanto a mediana chegou-se com alguma coincidência aos mesmos números da escola pública que também são de toda amostra.

---

<sup>5</sup> Número de estudantes entrevistados por idade

**Tabela 3.2**

<b>Idade</b>	17	18	19	20
<b>Nr</b>	5	2	1	2
<b>(%)</b>	50%	20%	10%	20%

Para terminar a fase da identificação dos inqueridos traremos resultados sobre *morada* dos estudantes por nós entrevistados. Diferente dos outros pontos anteriormente expostos, este merece maior atenção pois surge como um dos indicadores levantados para identificar economicamente os nossos entrevistados. Podemos assim afirmar que partimos da ideia de que a morada não reflecte apenas uma localização geográfica, mas também social e económica.

A *morada* é neste caso encarada como um dos pontos centrais que poderão nos dar uma ideia da situação de classe social dos nossos entrevistados. Mas podemos realçar que só poderemos chegar a uma conclusão final após a sua articulação com outros indicadores relacionados ao contexto social das famílias de proveniência dos estudantes, nos referimos, neste caso, a renda, nível de escolaridade e profissão dos encarregados e número de agregado familiar.

No geral, os jovens entrevistados são moradores da cidade e província de Maputo. Entretanto verifica-se uma certa dispersão de acordo com cada escola. Os alunos da escola secundária da Machava-sede são na sua maioria moradores dos bairros considerados periféricos que circundam a respectiva escola. Onde se destacam os bairros de Infulene “A” e “D” onde moram 4 dos estudantes entrevistados, Machava-Sede e Bedene com cerca de 3 alunos. Verificamos também os bairros de Fomento e Liberdade onde moram 2 dos inqueridos, 1 em cada bairro.

**Tabela 4.1**

Morada de estudantes da escola pública

<b>Morada</b>	<b>Nr</b>	<b>(%)</b>
Machava-Sede	1	10%
Machava-Bedene	2	20%
Infulene “A”	4	40%
Infulene “D”	1	10%
Fomento	1	10%
Liberdade	1	10%

Por outro lado, os estudantes da Escola Secundária das Acácias encontram-se mais dispersos, apesar da maioria dos estudantes morarem em bairros que circundam a sua escola, é possível também encontrar estudantes que moram bem distante da escola, mas não mostraram nenhuma dificuldade em chegar a sua escola, o que mostra de alguma forma a disponibilidade de transporte para este grupo de jovens, ou seja, os inqueridos desta escola situam-se em bairros do centro da cidade, onde se destacam o bairro Central com a maioria de moradores.

**Tabela 4.2**

Morada de estudantes da escola privada

<b>Morada</b>	<b>Nr</b>	<b>(%)</b>
Bairro Central	6	60%
Malhangalene	2	20%
Jardim	1	10%
Cidade da Matola	1	10%

Enfim, após a apresentação dos dados relativos a identificação podemos lançar algumas linhas para a sua leitura numa tentativa de classificação destas categorias de jovens por nós entrevistados. Portanto, podemos verificar que depois de trabalhar com as variáveis sexo, idade e morada os resultados nos trouxeram duas realidades distintas, ou seja, começam a dar uma ideia da homogeneidade e heterogeneidade entre estes jovens.

A unidade é verificada quando se tratou da situação de sexo e idade, isto significa que, os jovens, tanto da escola pública assim como da privada, apresentaram resultados homogêneos no que toca a sua faixa etária e a divisão de acordo com sexo, apesar de termos encontrado na escola pública alguma superioridade de número de entrevistados do sexo masculino. Por outro lado, quando se tratou da morada, os dados mostraram alguma diferença, ou seja, notou-se que os estudantes da escola pública eram na sua maioria moradores de bairros considerados periféricos, enquanto que os inqueridos da escola privada eram moradores de bairros do centro da cidade.

### **5.3.Origens sociais e redes de amizades**

A discussão sobre as origens sociais ou contextos familiares dos jovens foi encarada como vital para explicar comportamentos dos mesmos. As condições sociais em que a vida se desenrola no seio familiar são tidas como fulcrais na construção do mundo pelos jovens, não obstante, a análise duma realidade juvenil tende a enquadrar-se num comportamento de grupo.

De acordo com Hualde (1988), as condições socioculturais e económicas na sociedade determinam a formação de grupos juvenis, e estes por sua vez, a visão do mundo dos jovens. Os dados sobre as origens sociais dos jovens tendem a confirmar a divisão previamente estabelecida em termos de escola.

Para se chegar a constatações sobre as condições sociais das famílias a que os jovens pertencem, estabelecemos relação entre os seguintes indicadores, *a morada, o número de agregado familiar, o nível de escolaridade e profissão dos chefes de família e o número de indivíduos com emprego*

*formal*<sup>6</sup> em cada família. Estes dados procuram, em primeiro lugar, elucidar sobre as condições financeiras das famílias dos jovens em estudo e a consequente posição que estes ocupam na sociedade. Esta realidade encontra-se resumida nas tabelas a seguir:

### Tabelas resumo

**Tabela 5.**

	<b>Escola Pública</b>		<b>Escola Privada</b>	
	Média	Moda	Média	Moda
Nr. Agregado <sup>7</sup>	5,3	4 e 7	4,3	4
Nr. Trabalhador <sup>8</sup>	1	2	2	2

**Tabela 6.**

<b>NESC<sup>9</sup></b>	<b>Escola Pública</b>	<b>Escola Privada</b>
Primário	1 (10%)	0 (0%)
Básico	2 (20%)	0 (0%)
Médio	2 (20%)	0 (0%)
Superior	3 (30%)	7 (70%)

<sup>6</sup> O trabalho formal é caracterizado pelo estabelecimento de vínculos contratuais entre um indivíduo e uma empresa, onde estão integrados os benefícios fornecidos pela empresa tais como, a carteira assinada, salário fixo, e férias pagas.

<sup>7</sup> Número de agregado familiar.

<sup>8</sup> O número de indivíduos com emprego formal por cada família.

<sup>9</sup> Nível de escolaridade.

Os dados supra apresentados mostram que os estudantes da *escola pública* pertencem a famílias com uma média de 5 membros, onde apenas 1 tem um emprego formal. Por outro lado, os estudantes da escola privada eram provenientes de famílias com uma média de 4 elementos, dos quais 2 tem emprego formal. A segunda tabela mostra também uma disparidade em termos de nível de instrução dos encarregados.

Enfim, relacionando estes resultados, podemos concluir que estes têm uma influência decisiva nas rendas das respectivas famílias e dão alguma ideia sobre diferença em termos de condições das famílias nestes dois casos, ou seja, verificamos, em primeiro lugar, que os jovens da escola privada são provenientes de famílias com um número de agregado relativamente menor, entretanto, nestas famílias existe um número maior de indivíduos que trabalham num regime contratual. Portanto, a relação entre o número de agregado familiar e de trabalhadores formais desempenha um papel decisivo nas rendas de cada família, e condicionam a distribuição dos recursos. Esta situação pode colocar as famílias dos jovens da escola privada numa situação privilegiada acentuando a diferença das condições sociais entre estes e os jovens da escola pública. Isso sem falar dos níveis de escolaridade dos seus provedores que também sustenta em grande forma esta constatação.

### ***Escola pública***

O primeiro ponto a apresentar refere-se aos números de agregados. Neste caso, analisando a realidade dos estudantes da escola pública, constatamos que os seus agregados familiares variavam de 3 a 11 elementos. Entretanto, essas famílias apresentavam em média o valor de 5,3 elementos por cada. Verificou-se também que o número de agregado mais frequente foi 7, isso em 3 casos, e 4 também em 3 casos.

No que se refere ao número de indivíduos com emprego formal, verificamos que os números variavam de 0 a 2. O que significa que foi possível encontrar famílias em que ninguém tinha algum emprego formal, assegurando a sua renda através de alguns trabalhos informais de pequena escala e de reembolso mínimo, com mais ênfase no comércio. Entretanto, as famílias dos entrevistados apresentavam em média 1 trabalhador formal e o valor mais repetido indicava a 2 elementos.

Sobre a distribuição das profissões dos chefes das famílias os resultados indicam maior destaque ao sector dos serviços como fonte de emprego da maioria dos indivíduos. Neste caso, num universo de 8 indivíduos com emprego formal, 5 trabalhavam no sector de serviços e os restantes 3 pertencem ao sector de transformação, sendo que 2 asseguravam suas rendas através de actividades informais.

No processo de levantamento de dados sobre o contexto familiar dos jovens interessa-nos também analisar resultados sobre o nível de escolaridade dos chefes de família. Nos dados sobre a formação verificamos, em primeiro lugar, dois casos omissos, ou seja, apenas 8 entrevistados responderam com precisão sobre o nível de escolaridade dos seus encarregados. Portanto, no geral esses níveis variam de 4<sup>a</sup> classe de antigo sistema ao mestrado, com 1 caso verificado para cada. Os níveis mais frequentes foram elementar, médio e grau de licenciatura com dois casos para cada.

### ***Escola privada***

Os estudantes da escola privada mostraram ser provenientes de famílias com um número de agregado relativamente menor, ou seja, eram geralmente famílias nucleares compostas por pais e filhos. Concretamente verificamos que a família com o valor mínimo de agregado apresentava 2 elementos e a família com valor máximo apresentava 7 elementos. Os agregados eram em média constituída por 4,3 indivíduos e uma moda de 4 elementos por família, isto em 5 cinco casos.

No que se refere ao número de trabalhadores formais por cada família temos a salientar que também se verificou casos em que nenhum membro da família estava empregado a uma instituição, tanto publica assim como privada, mas diferentemente do cenário da escola pública, estes indivíduos eram geralmente trabalhadores por conta própria e proprietários de empresas. Entretanto, outros dados mostravam que as famílias dos estudantes desta escola tinham em média 2 trabalhadores formais para cada. Por sua vez o número mais repetido, ou seja, a moda foi também de 2, isto em 7 casos observados.

A nível das ocupações profissionais, os dados mostram uma abrangência total do sector de serviços, isto é, todos encarregados que se encontram no mercado de emprego são absorvidos pelo sector de serviços.

Ao questionarmos sobre os níveis de escolaridade dos chefes de família dos estudantes da escola privada obtivemos também dados bastante diferentes dos verificados na escola pública. Primeiro há que salientar que 3 dos entrevistados preferiram não responder a esta questão, e não apresentaram uma justificação clara para tal, dos restantes 7 que responderam constatamos que todos seus encarregados tinham frequentado superior.

### **5.3.1 Grupos de amizades**

Para complementar, sendo um estudo estreitamente ligado à construção de visões de mundo de grupos juvenis, houve necessidade de colher informações sobre as redes de amizades que os nossos entrevistados formam, bem como alguma das suas actividades de lazer. Estes dados ganham também alguma pertinência neste tipo de estudos pois os grupos de amizades surgem como uma nova instituição com papel importante de socialização e de construção de culturas, neste caso juvenis.

No decorrer do trabalho, mostramos que as percepções ou significado dado à universidade poderia depender das culturas dos próprios jovens construídas através das relações quotidianas com a família e pares. Portanto, o nosso estudo procurou alargar a análise trazendo também a noção dos “tipos de pares” (amigos) que os nossos entrevistados possuem. Neste caso, mais uma vez existia uma certa semelhança nos dados colhidos, ou seja, os estudantes de cada escola e respectivo bairro mantinham relações com indivíduos do mesmo meio, ou seja, proveniente de condições sociais semelhantes, englobando a morada, suas ocupações e idade.

Os grupos de pares dos jovens ganham também importância analítica pois desempenham papel de grupos de referência no processo de construção de visões de mundo. Deste modo Turner (1999), advoga que o grupo de referência fornece um conjunto de perspectivas para orientar

nossos pensamentos e acções, ou seja, serve de “*molde de referência*”. Este processo funciona visivelmente para o grupo em que estamos interagindo, bem como para grupos que não estamos interagindo no momento, mas que temos noção dos valores e expectativas por eles otimizados.

Neste contexto, pensamos que o conjunto de percepções sobre a universidade e as aspirações juvenis ligadas a esta instituição não se resumem apenas a aspectos pessoais de escolhas individuais, mas têm as suas bases numa realidade mais ampla e externa às consciências dos jovens. Desta feita, os estudantes encontram-se integrados em condições objectivas de classe que, em primeira estância, determinam os ambientes sociais que eles irão frequentar e posteriormente o tipo de indivíduos com os quais irão interagir.

Na presente análise, constatamos que era entre os grupos de amizade que os jovens passavam maior parte do seu tempo diário, principalmente aos meios de semana. Neste processo contínuo de interacções os jovens tratavam vários assuntos e asseguraram reservar muito espaço sobre as discussões de aspectos ligados ao ensino superior. Do ponto de vista da nossa análise, acreditamos que este processo desempenha um papel de realce na criação e partilha de convicções sobre o ensino superior, e na maioria dos casos, as decisões destes jovens são tomadas tendo em conta as expectativas que o meio social tem dele, ou seja, os conhecimentos criados servem de bases para criação de aspirações dos jovens em relação à universidade. Entretanto, o papel desempenhado pelas redes de amizades na construção de significados sobre a universidade não pode ser visto como único e independente. Este encontra-se sempre em interacção com papel familiar, ou seja, existe um constante balanceamento, feito pelo jovem, de conhecimentos adquiridos nos ciclos de amizades e na família.

A formação dos grupos de pares, em ambos casos, está geralmente ligada ao ambiente escolar, ou seja, na maioria dos casos observados a escola aparecia como uma instituição que permitia a composição destes grupos juvenis. Notamos que, a partir da instituição escolar os jovens conheciam-se um a outro e construía as suas redes de amizades. Portanto, nota-se uma homogeneidade neste processo, isto é, os resultados mostram que os grupos de amizades neste contexto juvenil são formados por indivíduos com perfis sociais ou biografias semelhantes.

Em termos mais práticos, os estudantes da Escola Secundária da Machava-Sede afirmaram ter grupos de pares compostos por jovens (principalmente colegas da escola) provenientes dos seus próprios bairros ou bairros vizinhos, tais como Machava-Sede, Liberdade, Infulene, etc. Para ele, isto facilitava os seus encontros diários e permitia que estudassem com menos dificuldades de deslocamento. As redes eram constituídas por indivíduos com idades compreendidas entre os 16 a 25 anos.

Da mesma forma, as entrevistas feitas na Escola Secundária das Acácias, mostram que os jovens formam grupos de pares com indivíduos maioritariamente do mesmo nível académico, com uma idade compreendida entre os 16 a 20 anos, e que são provenientes de bairros considerados da elite com destaque para os bairros de Sommerchild, Coop, Central e Alto Maé.

Do ponto de vista sociológico podemos ler esta realidade como não sendo aleatória, ou seja, apesar de os estudantes apresentarem motivações pessoais para sua integração nestes grupos de amizade existem para nós condicionantes externos as suas consciências. Neste caso, existe uma tendência a nível dos indivíduos em se integrar em contextos com os quais se identificam. Cada jovem mostrou integrar-se em redes de amizade composta por indivíduos do mesmo meio social que ele.

Tal como nos dados sobre os contextos familiares, estes também desempenham um importante papel na construção de ideias sobre o mundo e Ensino Superior em particular. Portanto, há que voltar a realçar que a seleção de jovens para as entrevistas foi feita através do método da *bola de neve*. Neste caso, o método possibilitou-nos encontrar duas variáveis em simultâneo, isto significa que a partir do momento em que os estudantes indicavam colegas com possíveis características comuns criavam condições para a formação de grupos de entrevistados que integram os mesmos meios sociais de pertença bem como as condições sociais.

Após a recolha de informações sobre o contexto familiar que os jovens das duas escolas pertencem, bem como as principais características sociais dos seus grupos de pares, pensamos ser possível verificar algumas diferenças e semelhanças entre estes alunos, isto em termos das

condições sociais. Terminado este processo de caracterização partimos para análise das suas compreensões e discursos sobre o Ensino Superior.

#### **5.4. Discursos e percepções sobre o Ensino Superior em Moçambique**

Durante os anos de vida e de convivência com membros da família e grupo de pares, os jovens vão construindo e acumulando um conjunto de conhecimentos sobre diferentes objectos sociais e neste caso sobre a universidade. O Ensino superior em Moçambique e no mundo em geral é concebido como uma instituição directamente ligada, numa primeira fase, a juventude, ou seja é um campo onde se ganha um apetrecho profissional e social criando condições para uma melhor integração no mundo dos adultos, isso olhando a juventude como fase da vida.

Entretanto, vimos por um lado que a juventude é um conceito socialmente construído, ou seja, ele é definido como um mosaico de crenças, valores e atitudes que alguns indivíduos partilham. Esta partilha é, a priori, determinada por condições macro e micros da sociedade, ou seja, a própria sociedade cria as condições para construção de ideias sobre o mundo. Neste caso, apesar do Ensino Superior ter sido concebido com uma ideia e objectivos ligados a formação intelectual e profissional do homem, ele pode ter para diferentes grupos sociais significados diversos.

As percepções em análise neste estudo colocam em dois lados jovens que aparentemente poderiam ser vistos como homogéneos e com mesmo tipo de ideias, mas através de um levantamento de todo seu perfil social pode-se verificar que são provenientes de mundos sociais diferentes, referimo-nos basicamente as suas condições sociais, essa constatação foi tomada basicamente fruto do levantamento de dados referentes ao contexto familiar dos estudantes. A partir desta variável sugerimos um estudo sobre o significado do Ensino Superior para jovens de posições sociais diferentes.

Apesar de estarmos a trabalhar com jovens até certo ponto instruídos, verificamos do seu lado algumas dificuldades na compreensão sobre aquilo que realmente queríamos saber. Portanto, em grande parte da entrevista, além de perguntar directamente sobre o significado da universidade,

primeiro procurávamos saber se o estudante pensava em frequentar uma Faculdade e daí questionávamos sobre as respectivas motivações e expectativas. Procuramos também, sempre que possível, apreender a sua opinião sobre a expansão das Instituições de Ensino deste nível pelo país dado que esta foi uma das grandes motivações para a definição da análise.

Os resultados aparecem analisados de acordo com opiniões comuns dos entrevistados, por isso, apesar de haver algumas respostas diferentes apresentar-se-ão as linhas gerais e comuns das respostas colhidas durante o trabalho de campo. Ainda num contexto comparativo a observação e análise das respostas é efectuada de acordo com cada escola.

Apesar de se notar algumas diferenças na forma de expressar e também nos objectivos de cada jovem, nos discursos dos estudantes da *escola pública* esteve, na maior das vezes, patente uma visão financeira e instrumental olhando para o Ensino Superior como uma garantia de mudança de vida económica, pela aquisição de um bom emprego e um meio de ajuda à família.

Para elucidar vejamos a resposta de alguns dos estudantes:

*A iniciativa de concorrer a uma Universidade é minha, mas a escolha do curso resulta da influência de amigos. Penso em concorrer porque sinto a necessidade de continuar os meus estudos para ter um bom emprego no futuro, por isso quero fazer Arquitectura na UEM<sup>10</sup>.*

*Acho que é bom haver cada vez mais Universidades no país porque isto pode melhorar as vidas dos moçambicanos. (estudante finalista da Escola secundária da Machava-Sede)*

Com base neste discurso, podemos perceber um alto nível de importância que é atribuído a universidade, ou seja, podemos constatar que os estudantes têm uma série de ideias e planos sobre o Ensino Superior, e, tal como havíamos proposto, mostraram que no geral os seus conhecimentos sobre esta instituição eram fruto da sua relação com indivíduos que participam do seu quotidiano, referimo-nos geralmente familiares mais próximos, colegas e amigos da escola e professores.

---

<sup>10</sup> UEM: Universidade Eduardo Mondlane

Um outro estudante, apesar de ter dito que não pensava em ir à uma universidade por carências financeiras, também deixou a seguinte opinião:

*Quando concluir a 12ª classe vou procurar um emprego pois não tenho condições para sustentar os meus estudos, mas acho que há uma necessidade de aderir ao ensino superior para garantir uma vida financeira aceitável no futuro, por isso posso não ir no próximo ano mas isso faz parte dos meus planos. (estudante finalista da Escola secundária da Machava-Sede)*

Estes casos vêm mostrar que o grupo de jovens em análise nesta escola pertence a uma posição social de carência. Esta situação, por um lado, tem uma interferência do ponto de vista financeira na vida do jovem, pois a universidade acarreta alguns custos e exige alguma capacidade financeira para suportá-la e isto faz com que muitos jovens de posições sociais inferiores não tenham acesso a esta instituição passando directamente para o mercado de emprego. Por outro lado, esta situação determina também o significado que o jovem atribui ao Ensino Superior.

*Ir a Universidade garante boa formação intelectual e não só vantagens financeiras. A iniciativa de ir a Faculdade é minha porque quero ser independente dos meus pais, um curso superior pode garantir uma independência financeira e social porque já consegues ter um bom salário e não dependes mais de ninguém. (estudante finalista da Escola secundaria da Machava-Sede)*

Este tipo de discursos em particular, atribuem a Universidade um papel de libertador das limitações juvenis. Estes jovens falam desta instituição como um meio de aquisição de uma independência face aos encarregados. É necessário que esta independência não seja olhada apenas do ponto de vista financeiro, os estudantes enquadram-na também num processo de poder e tomada de decisão. Neste caso, os jovens defendem que com um curso superior concluído abre-se espaço para uma autonomia financeira e aquisição de bens, como uma residência e outros e, naturalmente, ganharão maior liberdade face aos encarregados e poderão responder pelos próprios actos.

Nesta primeira fase de entrevistas encontramos um depoimento isolado e diferente dos outros, neste caso o entrevistado dizia o seguinte:

*Só penso em ir a Faculdade porque ainda sou muito nova para ir ao mercado de emprego, se a idade permitisse procurava um emprego para ter uma independência financeira. Mesmo assim acho que o ensino superior garante um bom emprego e para mim isso é a “base de tudo”. (estudante finalista da Escola secundária da Machava-Sede)*

Este discurso foi diferente de todos observados, pois colocava a universidade em segundo plano a favor da entrada directa no mercado de emprego. Entretanto, esta noção aparece para reforçar a ideia sobre a importância e necessidade que os jovens das posições sociais inferiores têm da ascensão social com base na aquisição dum bom emprego.

Para se chegar a resultados das percepções sobre o Ensino Superior, houve a necessidade de um aprofundamento junto aos jovens sobre as carreiras que pensavam em seguir e a respectiva justificação, os cursos por ingressar aparecem associados às escolhas que os jovens, com base nas suas experiências, fazem tendo em conta suas aspirações de ascender ou manter-se na posição social em que ele e sua família se encontram. Este aspecto, na escola pública em particular, trouxe um dado novo e por assim curioso, ou seja, constatamos em grande parte das entrevistas que os estudantes escolhiam os cursos de acordo com as disciplinas exigidas para a admissão, isto é, havia uma tendência de aderir a um curso de acordo com percepção sobre a facilidade ou dificuldade das disciplinas exigidas para a admissão. Neste contexto, os jovens afirmavam o seguinte:

*Vou concorrer a Arquitectura na UEM porque tenho alguma inclinação para Desenho e posso me dar bem nos exames de admissão, quero tentar ir a UEM porque é uma Universidade pública e tem mais qualidade... essa pergunta é meio difícil de responder mas acho que o ensino superior é importante é algo básico na sociedade, garante um bom rendimento e boa vida a qualquer pessoa, não interessa a cor, sexo e etnia. (estudante finalista da Escola secundária da Machava-Sede)*

*Se chegar a vez de entrar no ensino superior penso que vou concorrer para o ISRI<sup>11</sup> no curso de Relações Internacionais, pois acredito ter o mínimo domínio da língua inglesa e isto poderá facilitar a minha admissão. (estudante finalista da Escola secundaria da Machava-sede)*

*Vou concorrer a alguma Engenharia na UEM porque gosto e sinto que estou mais preparado neste tipo de disciplina e assim será mais fácil me dar bem nos exames e ser admitido. (estudante finalista da Escola secundaria da Machava-sede)*

Neste nível em particular, olhando para os discursos dos jovens até aqui apresentados, ficamos com a ideia de que o Ensino Superior tem para os jovens um papel vital para a sua passagem à vida adulta. Neste caso, fruto da sua posição social, os jovens apresentavam geralmente uma necessidade de ascensão social, assim sendo, a universidade é atribuída um papel instrumental como um garante de um bom emprego e melhoria da vida social mudando desta forma a vida pessoal e também da própria família. Esta percepção ou expectativa resulta da realidade de classe a que estes jovens pertencem, e aparece desempenhando grande influência nas escolhas académicas dos mesmos, dado que observamos que as carreiras e respectivas instituições por ingressar eram seleccionadas na sua maioria tendo em conta as possibilidades ou facilidades de admissão.

Numa outra fase encontramos estudantes da *escola privada*, a Escola Secundária das Acácias, através dos resultados pudemos verificar que estes pertencem à uma outra realidade. As suas condições sociais demonstram uma relativa vantagem em relação aos estudantes da escola pública. Esta realidade foi tomada, neste contexto, como uma variável determinante do significado que estes jovens atribuem a universidade.

Tal como aconteceu noutra escola, neste caso também notaram-se algumas dificuldades em falar directamente sobre aquilo que os estudantes percebem sobre a universidade. Entretanto, por uma questão de dualidade de critérios usamos também como base de análise as motivações que os

---

<sup>11</sup> ISRI: Instituto Superior de Relações Internacionais

estudantes apresentavam para a escolha de ida ou não a uma Instituição do Ensino Superior e a respectiva carreira a seguir.

O primeiro ponto observado não foge muito da realidade da escola pública. Neste caso, também notou-se grande importância atribuída a universidade como um garante de uma melhor integração social. Neste contexto, um dos jovens afirmava o seguinte:

*Acho que a Universidade deveria fazer parte dos planos de qualquer jovem, é um lugar onde concretizamos sonhos e garantimos nosso enquadramento profissional... (estudante da escola privada)*

Este ponto é realçado, não só pelos discursos dos jovens, como também pelos números encontrados no campo, ou seja, os resultados mostram um total das 10 entrevistas efectuadas na escola privada, nas quais todos estudantes afirmaram ter planos de ingressar no Ensino Superior no ano seguinte. Diferentemente da escola pública, aqui encontra-se um número considerável de estudantes que mostraram interesse em ingressar para uma Instituição de Ensino Superior também privada, apesar de a opção ser sempre colocada num segundo plano. Neste caso, prevalece ainda a ideia do papel crucial que é atribuído ao Ensino Superior por parte dos jovens.

Temos que salientar que as entrevistas na escola privada foram um pouco mais complicadas, primeiro porque se notou maior nível de protecção aos estudantes por parte da direcção da escola, em segundo lugar, os estudantes mostraram algum fechamento e até alguma indisponibilidade em responder as nossas questões. Apesar das barreiras, foi possível notar que a maioria dos jovens desta escola afirmou que procurava investigar de alguma forma sobre o Ensino Superior e os principais cursos ministrados. Defendiam que os estudantes devem ouvir os pais e professores, mais também procurarem ser autónomos no momento da escolha.

Do ponto de vista analítico, é possível notar que na hora de se pensar sobre a universidade estes estudantes jogavam apenas interesses de integração social apenas individual, ou seja, esteve sempre patente a ideia de que a universidade é algo que mudaria apenas as suas próprias vidas.

Neste caso, diferem-se dos estudantes da escola pública que afirmaram pensar também nos futuros das suas famílias.

A posição social que os jovens ocupam, isto em termos de condições sociais, aparece desempenhando uma função notável na forma como constroem seus conhecimentos e escolhas em relação ao Ensino Superior. Com base no levantamento de alguns indicadores do contexto familiar dos jovens da escola privada, constatamos que são provenientes de posições sociais superiores em relação aos jovens da escola pública.

Num contexto em que todos atribuíram grande importância a universidade, os jovens da escola privada mostravam que o seu interesse na universidade não era apenas material. Grande número de entrevistados não chegava a mencionar a questão financeira ou de “bom emprego”. Estes jovens, não demonstram uma necessidade de melhorar a sua condição de classe, através do nível superior.

Para estes jovens, o importante seria frequentar uma universidade concretizando os seus sonhos ou satisfazendo seus gostos e inclinações. Contudo, apesar de os jovens admitirem um papel de ascensão social da universidade, a sua condição social permite que os jovens tenham uma variedade de necessidades não apenas económicas, mas também sociais e simbólicas. Estes jovens, colocam esta instituição num contexto de funcionalidade mais abrangente ligada a necessidades de identificação com os grupos de referência, neste caso, a família e as redes de amizades.

Neste contexto, alguns dos estudantes afirmavam o seguinte:

*Após a conclusão do nível penso em me candidatar à UEM ou ISCTEM<sup>12</sup> no curso de Medicina. Bom aposto neste curso porque gosto muito e acho que as duas Universidades são neste momento as que oferecem melhores condições para uma formação de qualidade nesta área em Moçambique...*

---

<sup>12</sup> ISCTEM: Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique

*Acho que a universidade deveria fazer parte dos planos de qualquer jovem, é um lugar onde concretizamos sonhos e garantimos nosso enquadramento profissional...*

*Aposto na universidade pois quero aperfeiçoar os meus conhecimentos, eu acredito que o Ensino Superior pode, dependendo do caso, oferecer várias vantagens desde o enquadramento profissional e melhor estatuto social, isto é, é difícil ter conhecimentos e debater com pessoas sem ter ido à universidade...*

*Penso em frequentar o curso de medicina na ISCTEM. Penso neste curso porque sempre foi meu sonho e tive influência da minha mãe que também é médica. Prefiro esta instituição porque a especialização que preciso (medicina dentária) só existe nesta Universidade e acredito que ela oferece melhores condições para formação. (estudante finalista da Escola Secundária das Acácias)*

*Vou a Universidade por iniciativa própria, porque tal como qualquer jovem sonha e a idade ainda favorece, assim estarei a garantir meu futuro na sociedade, acho que farei Engenharia Informática na UEM, porque é a maior Instituição e a mais velha e dizem que tem mais qualidade e prestígio fora, o curso é por uma questão de sonho e gosto pela tecnologia. (estudante finalista da Escola Secundária das Acácias)*

Os dados até aqui apresentados mostram, em primeiro lugar, que a passagem por uma instituição de ensino superior é encarada pelos jovens, de ambas escolas, como sendo crucial para o seu futuro sócio profissional, por isso faz parte dos planos académicos da maioria dos estudantes. Entretanto, se notam algumas diferenças na forma como os jovens construam os seus discursos relacionados com as suas aspirações e expectativas sobre as vantagens que possam advir da sua passagem pelo ensino superior. Para complementar esta análise, reservamos também alguma atenção nas opiniões dos professores, sendo eles também agentes de socialização.

## *Percepções de Professores*

No desenrolar de todo o trabalho ficou patente que o interesse da nossa análise são os jovens e a forma como eles percebem o ensino superior. Para se chegar a tal análise surge a necessidade de nos concentrarmos em alguns aspectos do quotidiano dos mesmos, ou seja, usamos a variável das condições sociais para encontrar duas categorias de jovens e a partir daí analisar o significado que eles atribuem a universidade. Esta variável é também tomada como crucial para a descrição de grupos de pares que os jovens pertencem. Para terminar, houve também uma necessidade de alargar as nossas entrevistas para outros intervenientes notáveis no quotidiano destes jovens, referimo-nos aos seus professores. Para este trabalho, os docentes não são tidos como determinantes na formação de noções sobre o Ensino Superior, mas acreditamos que desempenham alguma função de realce e através deles poderemos também ter algum subsídio para a análise lançada.

As entrevistas feitas aos docentes seguiram os mesmos critérios das feitas aos alunos, ou seja, foram também do tipo semiestruturadas e foram efectuadas também nas respectivas instituições de ensino. Entretanto, por questões de disponibilidades, encontramos números diferentes para entrevistar, ou seja, conversamos com 3 professores da escola privada e apenas 2 da escola pública.

Ao alargar as entrevistas para os professores tínhamos como objectivos: primeiro, ficar a saber um pouco sobre a realidade de cada escola no que toca aos níveis de formação do corpo docente, nível de participação dos encarregados e até o aproveitamento, daí a necessidade de entrevistar os directores pedagógicos. Em segundo lugar, procurávamos ter informações do quotidiano na sala de aulas e sua relação com o Ensino Superior, por isso colocamos as seguintes questões básicas:

- Quais são os assuntos que despertam maior debate por parte dos alunos? Porque?
- Qual é o nível de debate em sala de aula sobre o ensino superior?
- Acha que a Universidade faz parte dos projectos dos seus educandos?
- Se sim, quais são as carreiras frequentemente apontadas?

Quanto aos níveis de formação dos corpos docentes os dados mostraram realidades diferentes dando mais vantagens a escola privada onde constatamos que todos, ou seja, 100% professores do 2º ciclo tinham nível superior. Por outro lado a escola pública apresentava 57% dos professores com o nível de licenciatura, 20% com nível de bacharelato e os restantes 23% ainda com nível médio.

Quanto aos debates os professores de ambas escolas foram unânimes em afirmar que seus estudantes mostram-se muito interessados em conversar sobre temas do quotidiano e ligados a própria juventude, dos quais se destacam o consumo de drogas, o alcoolismo, a prostituição, a sexualidade, etc. Afirmam ainda que o debate sobre a universidade tem sido muito pobre nas suas salas de aula. Salientando que muitos dos estudantes não tem ideia daquilo que vão seguir, mas mostram-se interessados em ingressar.

Sobre a participação dos encarregados, os dados transmitidos pelos professores revelaram também alguma disparidade entre a escola pública e privada. Foi possível constatar que a nível da escola pública existe uma insatisfação da respectiva direcção quanto ao interesse dos encarregados, os professores afirmam que chegam a terminar um ano lectivo sem conhecer alguns dos pais dos seus alunos e isto na opinião deles teria um impacto bastante negativo, primeiro no aproveitamento dos jovens e também no seu futuro académico.

Por outro lado, os professores da escola privada mostraram algum nível de contentamento em relação a esta participação. Neste caso, eles afirmaram disporem de metodologias que possibilitam uma maior participação dos encarregados na vida escolar dos seus educandos. Defendem ainda que não só as metodologias escolares contribuem para tal, neste caso, dizem os professores notar um maior sentimento de preocupação e protecção dos encarregados da escola privada, ou seja, por se ter mantido um vínculo contratual entre o encarregado e a direcção da escola. Os primeiros procuram sempre acompanhar a vida dos seus educandos e até certo ponto pressionar as Instituições, no caso de qualquer anormalidade.

Ao colocarmos em debate o nosso estudo sobre as condições sociais e o significado da Universidade pelos estudantes, os professores mostraram-se até certo ponto apologistas da nossa hipótese, ou seja, defendem também que as condições sociais interferem de alguma forma no desempenho escolar e posteriormente nos interesses que os estudantes têm ao ingressar ao ensino superior.

A seguir encontram-se patentes alguns discursos dos professores:

*Os estudantes do ensino público são geralmente provenientes de condições humildes e têm tendência a olhar para o ensino superior na vertente financeira, e como uma forma de melhorar as suas vidas e de seus familiares. Por isso, encontrando emprego logo optam por trabalhar a estudar ou mesmo adiar a entrada a Universidade. Por outro lado, os estudantes do ensino privado a universidade não lhes diz muito mas querem estar lá. Eles acreditam que com o Ensino Superior mantém o status, mas não dependem dele porque tem como garantir uma vida confortável. (professor na Escola Secundária das Acácias)*

*Existe alguma diferença na forma como os meninos estudam e fazem seus planos, os estudantes das escolas privadas têm posses, entregam-se pouco a escola e vão à universidade para concretizar sonhos e por influência das suas famílias, ao passo que os alunos das escolas públicas entregam-se muito mais porque sabem que seu futuro depende apenas do seu esforço na escola, daí a necessidade de ir a universidade para um melhor emprego. ( professor na Escola Secundaria da Machava-Sede)*

Estes resultados mostram até que nível a realidade das escolas, privada e pública, em estudo são diferentes, isto é, na primeira existe alto grau de satisfação dos professores em relação as condições de trabalho e metodologias de participação dos encarregados na vida escolar dos alunos, na segunda escola os docentes mostraram uma avaliação negativa em relação aos seus meios de trabalho e nível de interesse dos encarregados dos seus estudantes.

Há que salientar que a maioria de professores entrevistados afirmaram ter experiência de trabalho, tanto em escolas públicas e privadas e assim, defendem existir algumas diferenças nas

motivações que seus alunos apresentavam para ingressar para o Ensino Superior. Dada esta situação, a secção seguinte se ocupa em trazer as possíveis explicações para estas constatações, isto através da correlação entre as condições sociais e a universidade.

## **5.5. Condições sociais e o significado do Ensino Superior**

Esta secção surge para dar continuidade ao processo iniciado anteriormente a quando da definição da nossa problemática de pesquisa. Este momento vem estabelecer um debate triangular entre os resultados colhidos no campo de pesquisa anteriormente apresentados, o problema de pesquisa e o quadro teórico, ou seja procuramos verificar de que maneira a teoria de base poderá analisar os dados do campo e a partir daí trazer uma resposta inicial para o problema.

O processo de construção de visões do mundo por parte dos jovens constitui para a Sociologia um campo de análise fértil e um aspecto vital para diferenciação entre estes. Deste modo, os diferentes contextos sociais determinam a forma e o conteúdo do comportamento dos indivíduos e dos jovens em particular. Olhando para a juventude como um processo de transição importa realçar que a forma como ela se desenvolve não é única e geral, mas é composta por aspectos específicos que diferenciam os jovens.

Por um lado, no contexto de formação, o Ensino Superior aparece como uma instituição com papel de apetrechar os indivíduos de conhecimentos aplicáveis, ou não, nos sectores de produção. Por outro lado, esta instituição carrega um papel de integração dos indivíduos na sociedade. Para o caso dos jovens esta integração seria dirigida ao mundo dos adultos, que ainda distante a sua entrada demanda a existência de armas sociais eficazes. Entretanto, a integração pode ser feita de acordo com ganhos financeiros, ou mesmo pela identificação a certo grupo de referência.

Neste contexto, salientamos em primeiro lugar que a universidade é uma instituição com significados diferentes para jovens diferentes. Sendo assim, o desafio passa por identificar os

condicionantes sociais para as percepções sobre esta fase do ensino. Com o levantamento de dados sobre o perfil individual e familiar dos jovens da escola pública e privada a posição social, representado pelas condições sociais das suas famílias, mostra-se vital para construção de visões face ao Ensino superior. O contexto familiar em que cada jovem vive aparece como responsável pela construção de um conjunto de aspirações, expectativas e projectos de vida que o fazem priorizar o tipo de integração social que ele procura, isto é, se a necessidade é o retorno financeiro ou o prestígio social associado a universidade.

Autores afectos a Sociologia da Educação defendiam, por exemplo, que a escolha de cursos pelos estudantes seria condicionada pelas percepções, expectativas e representações dos candidatos face a universidade, e estes por sua vez, pela posição social, características do sistema universitário e pela situação do mercado. Neste sentido, Bourdieu, na obra *Les héritiers* de 1964 defendeu a existência duma correlação entre a origem social e o tipo de curso superior frequentado, onde alargou a análise para as variáveis sexo, idade e localização geográfica (apud, Nogueira, 2006).

Na presente análise comparativa notam-se algumas diferenças sobre o significado que a universidade carrega para os jovens e o conjunto de aspirações a ela inerente. Neste sentido tal varia de acordo com as características socioeconómicas e culturais de cada grupo de estudantes. As condições sociais servem de modelo pelo qual os jovens definem as suas expectativas sobre o Ensino Superior.

Os dados, tanto quantitativos como os qualitativos mostram que as condições influem nas aspirações dos jovens em dois momentos. Numa primeira fase, as oportunidades de vida oferecidas pela condição socioeconómica despertam para cada indivíduo sentimentos e necessidades, de promoção ou ascensão económica, para casos de origens sociais baixas ou simplesmente de integração ou manutenção, para o caso de origens sociais mais elevadas. Por outro lado, a pesquisa mostrou que geralmente a posição social dos jovens estaria ligada ao nível escolar da família, neste sentido, a posição social de cada família variava de acordo com o nível escolar dos seus elementos. Assim sendo, verificamos que o estudante oriundo da família com um nível social e escolar baixo olhava para a universidade como uma oportunidade de mudar os cenários, económico e escolar, da família em geral, garantindo assim uma ascensão na hierarquia

social. Para o caso dos estudantes com condição social privilegiada as aspirações e o investimento face ao Ensino superior indicam para o alcance do mesmo nível social e escolar.

Portanto, a aspiração de ascensão ou manutenção socioeconómica aparece como um fenómeno comportamental de grupo que varia de acordo com as condições sociais. O peso dado às vantagens financeiras que o nível superior pode garantir parece depender muito do nível social da família e dos níveis escolares dos seus membros.

Para se chegar a conclusões sobre comportamentos jovens de diferentes meios face ao Ensino superior, apesar de reconhecer a importância da posição social, é necessário olhar também para algumas variáveis intermediárias que possam surgir, neste caso, referimo-nos aos grupos de referência e o contexto escolar dos mesmos. Ao alargar a pesquisa para os grupos de referência verificou-se certa homogeneidade, pois os jovens mostraram ser provenientes de condições sociais de nível semelhante o que influencia directamente nas suas culturas diárias.

Tal como tínhamos proposto na nossa problemática, as entrevistas de campo foram desenvolvidas com o intuito de trazer resultados sobre 2 pontos importantes. Primeiramente houve uma necessidade de confirmar se na verdade os estudantes das escolas, pública e privada, em análise, eram provenientes de condições sociais desiguais. Isto foi feito através de um levantamento sobre as suas moradas e os respectivos contextos familiares. Assim sendo, verificou-se que o perfil social destes jovens transmitia algumas diferenças, ou seja, os estudantes entrevistados na escola privada eram geralmente de bairros do centro da cidade, provenientes de famílias basicamente nucleares, com pais detentores de maiores níveis de escolaridade e profissões que lhes garantem maior capital económico. Por outro lado, os estudantes entrevistados na escola pública eram geralmente moradores de bairros da periferia, algum número notável era proveniente de famílias alargadas, os níveis de escolaridade de seus encarregados eram relativamente baixos e as profissões transmitiam a imagem dum menor capital económico.

Partimos desta análise para o ponto referente a percepção que os jovens tinham sobre o Ensino Superior. Apesar de notar que esta variável pode não ser única para esta análise, podendo existir outras que também desempenham sua função mas que não fizeram parte do trabalho, temos que notar a existência de uma certa relação entre o tipo de percepção e a condição social do jovem,

ou seja, ficou de certa maneira claro que aquilo que um jovem procura ou espera ao ingressar numa universidade é influenciado por sua condição social presente.

Enfim, os resultados mostraram que em primeiro lugar os jovens, independentemente da condição social, foram homogêneos em olhar para a universidade como algo muito importante para suas vidas e para sua passagem para a vida adulta, daí que numa amostra de 20 elementos apenas 1 jovem da escola pública afirmou não pensar em ingressar para a Universidade no ano seguinte, devido a falta de condições financeiras para sustentar os estudos. É neste aspecto, que pensamos ser pertinente olhar para a juventude também numa vertente de unidade, pois todos mostraram-se preocupados com sua inserção no mundo dos adultos, neste caso estariam a exprimir uma característica geracional.

Indo mais ao fundo na análise e questionando directamente sobre a percepção que os entrevistados tinham sobre a universidade foi possível verificar duas linhas básicas de respostas que eram para nós influenciadas pelas diferenças em termos de condições sociais, neste caso estariam a marcar uma diversidade entre os jovens e transmitindo uma reprodução das classes sociais.

Por um lado, os estudantes da escola pública mostravam-se pouco interessados pelas informações sobre os cursos, mas sim pelas modalidades de admissão. Isto significa que o maior interesse estava na admissão a uma universidade e mostravam uma visão calculista sobre o Ensino, ou seja, tinham tendência de encarar um nível superior como um meio de melhorar a sua vida financeira e da sua família. Por outro lado, os jovens entrevistados na escola privada mostraram estar decididos e, com informações sobre os cursos que iam seguir, mas tinham uma visão mais simbólica da universidade, ou seja, pensavam mais no prestígio social que o nível superior poderia proporcionar dentro de suas famílias e na sociedade em geral, sem falar que havia uma visão comum da universidade como um lugar onde se concretizam sonhos.

A posição social, representada por conjunto de condições sociais garante a forma como estes jovens se relacionam com a universidade, a influência desempenhada por esta posição é materializada por alguns meios intermediários, como o perfil escolar da família e os grupos de

par. As diferenças observadas em termos de significados da universidade resultam do grau de contacto estabelecido entre eles.

Os alunos da escola privada, mostram estabelecer um contacto mais profundo com o ensino superior, dado que, por um lado, a posição lhes permite o acesso a mais informação sobre o ensino, isto através de bens como a internet ou mesmo ingresso em cursos de orientação profissional. Por outro lado, são provenientes de famílias com um perfil escolar superior interagindo, desta forma, no seu quotidiano com indivíduos já formados que servem de modelos de referência para as suas escolhas.

O grupo de entrevistados a nível da escola pública mostra uma realidade diferente, ou seja, eram basicamente provenientes de famílias com um capital social e escolar baixo, o que significa que durante o dia-a-dia mantinham relações com indivíduos sem uma formação superior. Esta condição concorre para que estes não tenham acesso profundo e influências em relação a universidade, portanto, o ensino superior era ainda uma realidade, até certo ponto estranha, ou menos conhecida. A sua realidade de desprivilégio actua nas suas consciências despertando uma necessidade de ascensão social por vias académicas, e assim grande parte das suas preocupações estavam ligadas as possibilidades de acesso mais ou menos difícil à universidade.

## Considerações Finais

As ilações a que podemos chegar neste estudo não pretendem ser finais, mas procuram dar uma nota introdutória a um debate que pensamos ser ainda novo em Moçambique, ou seja, há ainda uma necessidade de verificarmos em que nível o conceito juventude tem sido usado e operacionalizado na arena académica e nos discursos oficiais do país. Numa espécie de crítica a realidade podemos verificar que existem no país algumas Instituições políticas ou mesmo da sociedade civil que produzem discursos oficiais e tomam decisões que interferem na vida do jovem. Entretanto, será que este processo é desenvolvido tendo em conta os particularismos de cada juventude?

Por limitações estruturais o trabalho foi apenas desenvolvido numa escola do centro da cidade de Maputo e outra num bairro do Município da Matola, trabalhando concretamente com os estudantes e um número limitado de professores. Entretanto, defendemos que um estudo alargado também a outros contextos, como as zonas rurais, seria interessante pois poderia exprimir outras variáveis importantes sobre o assunto. Por isso, encaramos isto como uma limitação de toda pesquisa dado que não teve a capacidade de explorar outras variáveis sociais que poderiam ser também pertinentes.

Com base na discussão dos dados, foi possível confirmar a existência de diferenças em termos de posição social entre os estudantes, onde os jovens da escola privada se encontravam em posições relativamente vantajosas. Não obstante, torna-se necessário dissipar algumas dúvidas ou equívocos que poderiam surgir após a leitura do trabalho. É preciso clarificar que este não é um debate sobre classes sociais, muito menos sobre pobreza e riqueza, não procuramos também generalizar a ideia do significado da universidade relacionando com tipo de escola, as nossas atenções estavam viradas a uma relação entre as variáveis condição social e significado do Ensino Superior, apenas usamos as escolas como forma encontrar jovens pertencentes a posições sociais desiguais.

Os resultados colhidos nas duas escolas e lidos através das correntes da Sociologia da Juventude, a *geracional* e *classista*, nos trouxeram duas realidades que tendiam a confirmar as hipóteses lançadas anteriormente.

Numa primeira fase, verificamos uma certa unidade entre os jovens. Independentemente das suas condições sociais, os estudantes tendiam a dar muito valor à universidade e defendiam mesmo que um nível superior devia fazer parte dos projectos de qualquer jovem, isto implica que a universidade foi no geral vista como um meio indispensável para a transição a vida adulta e integração. Acreditamos ser este ponto, um aspecto que marca estes indivíduos como uma geração que partilha as mesmas necessidades, ou seja, a necessidade duma melhor transição ao mundo dos adultos.

Num outro lado, foi possível verificar alguns pontos que marcam alguma divisão entre os estudantes da escola pública e da escola privada, marcando desta forma alguma diversidade. Apesar de ser comum a ideia da universidade como algo que traz benefícios, existe alguma diferença no tipo de vantagens que os jovens de cada condição percebem ser dependente do Ensino Superior. No caso, foi possível verificar que os estudantes da escola pública, e assim provenientes de condições sociais pouco privilegiadas percebiam a universidade como algo que poderia mudar as suas vidas e das suas famílias possibilitando a aquisição de um emprego que lhes coloca numa situação mais privilegiada, daí que se mostravam pouco interessados pelas carreiras mas sim pelas modalidades de admissão. Os jovens da escola privada e assim das condições mais privilegiadas não mostravam muito uma visão financeira ou instrumental da universidade, procuravam passar uma imagem de que o Ensino Superior possibilitava a concretização de sonhos, por isso mostravam-se relativamente mais preocupados com as informações sobre as carreiras, defendiam também que este ensino seria um lugar onde se ganha um apetrecho profissional e maior prestígio na sociedade. Neste caso, o nosso argumento seria de que estas diferenças estariam suportadas e marcavam uma distinção de classes entre os jovens.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução a Metodologia do Trabalho Científico: Elaboração de Trabalhos na Graduação*. 7ª Edição. Editora Atlas. São Paulo. 2006
- BRYM, Robert et al. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. 1ª Edição. Thomson. São Paulo. 2006.
- BOUDON, Raymond. *Dicionário de Sociologia. Publicação*. Dom Quixote. Lisboa. 1990
- BOUDON e BOURRICAUD. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Editora ática. 2ª edição. São Paulo. 2004
- CASTIANO, José P. *As transformações do sistema de educação em Moçambique*, Maputo, 2005.
- COLDEBELLA, Moacir António. *Mudanças de atitude do aluno em relação a Universidade: Efeitos do primeiro semestre curricular*. Coleção de Ciências Sociais Serie Educação, São Luís, Edufma. 1985
- DELORS, Jacques et al. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. Cortez Editora. São Paulo. 1998.
- Dicionário de Sociologia. Porto Editora. 2002.
- FERREIRA, J. et al. *Sociologia*. McGraw-Hill. Lisboa. s/d.

- FORACCHI, Marialice. *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*. Companhia Editora Nacional. 2ª Edição. São Paulo. 1977.
- GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas. 5ª Edição. São Paulo. 1999
- GOBBI, Márcia. *Lápis vermelho é coisa de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, 1997. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br>
- HUALDE, António. *A Psicologia do Jovem*. Edições Paulina. Bogotá. 1988.
- MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia Científica Para o Curso de Direito*. Editora Atlas S.A. 2ª edicao. São Paulo.
- MARCONI e LAKATOS. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Editora Atlas. 6ª edicao. São Paulo
- NOGUEIRA, Claude Marques. *Limites da explicação em sociologia da educação: considerações a partir de pesquisas sobre o processo de escolha do curso superior*. In: SBS-XXII Congresso Brasileiro de Sociologia. Minas Gerais, 2006
- Observatório de Educação da Juventude. *A Escola e o Mundo Juvenil: Experiencias e Reflexões*. Tipo Gráfico. São Paulo. 2003.
- OLIVEIRA, S. L. *Tratado De Metodologia Científica: Projectos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*, Editora Pioneira, São Paulo, 1997.

- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.
- TURNER, Jonathan H. *Sociologia: conceitos e aplicações*. Makron Books. São Paulo. 1999.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- SOARES, Márcia et ROCHA, Eloísa. *Crianças, Infâncias, Educação e Corpo*. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP. 2007. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br>
- SOARES, Natália Fernandes, et all. *Investigação da Infância e Crianças Como investigadoras: Metodologias Participativas dos Mundos Sociais das Crianças*. Nuances: estudos sobre educação – ano XI, v. 12, n. 13, 2005. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br>
- WORSLEY, Peter. *Introdução à Sociologia*. Publicações Dom Quixote. Vol. 2. Lisboa. 1970

# **Anexos**

## Guião de entrevistas

Entrevista nº _____
Data ____ / ____ / 2012
Hora ____ / _____

- **Identificação**

Escola.....

Nome (opcional) .....

Idade (opcional) .....

Sexo.....

Morada.....

- **Contexto familiar**

Com quem mora?

Qual é o número de agregado da sua família?

Quantas pessoas trabalham na sua família? Quais são as suas profissões?

Qual é o nível de escolaridade do chefe do agregado familiar?

Quem é o encarregado de educação?

Com qual membro da família conversas mais sobre as questões escolares e gerais? Porquê este e não outro?

Quais tem sido os assuntos mais frequentes nas vossas conversas?

Tens partilhado com ele os seus planos futuros? Qual é a sua opinião sobre os projectos que fazes?

Acredita que seus encarregados participam na sua vida escolar? Com que frequência/regularidade?

Sem sim, qual é a importância que isto tem na seu futuro académico?

- **Sobre os pares e o ensino superior**

Qual é o perfil dos seus principais amigos (morada, idade e nível académico)?

Qual é o vosso ponto de encontro (onde e que conheceste os teus amigos)?

Com quem estudas?

Fora da Escola onde é que gasta maior parte do seu tempo?

Com quem partilha maior parte do seu tempo?

Amigos..... Familiares.....Outros.....

Quais são as vossas principais actividades de lazer (tempos livres)?

Qual é a opinião de seus encarregados sobre os seus divertimentos?

Aprovação.....; Reprovação..... (porque?)

Quais são os assuntos mais frequentes em conversas com seus amigos?

Após a conclusão do nível que frequenta quais são os seus planos para o futuro?

Pensa em frequentar uma Faculdade ou não? Se sim em que universidade e qual curso? Porquê?

A iniciativa de ir a universidade é sua?

Se não, de quem foi?

Porquê frequentar a universidade, e não outro tipo de actividade?

O que a Universidade significa para si, o que traria de especial na tua vida?

Alguém na sua família já frequentou uma universidade? Quem?

Qual é a opinião dos seus familiares e amigos sobre os seus projectos académicos?

Acreditas na importância do Ensino superior na vida dos indivíduos e da sociedade? Se sim qual seria?

O que tens a dizer sobre expansão de universidades em Moçambique? Porque?

- **Questionário para os professores**

Qual é a situação de aproveitamento escolar?

Como tem sido o nível de participação por parte dos alunos?

Quais são os assuntos que despertam maior debate por parte dos alunos? Porque?

Os alunos conseguem sempre apresentar o material didáctico exigido para as aulas?

Se não, quais tem sido as suas justificações?

Qual é a sua avaliação pessoal sobre a entrega dos alunos no processo de ensino-aprendizagem?

Acredita que o facto de a escola ser pública/privada tem alguma influência na forma como os alunos respondem as exigências escolares?

Qual é o nível de debate em sala de aula sobre o Ensino Superior?

Acha que universidade faz parte dos projectos dos seus educandos?

Se sim quais são as carreiras frequentemente apontadas?

Quais são os principais conselhos que dás, como professor, na delimitação dos projectos académicos dos seus alunos?